

Páginas

ANO 37 • nº 50 • 2012



Abertas

BRINCADEIRA DE APRENDER

A importância da utilização dos jogos educativos no sistema de ensino



Entrevista

Um dos maiores consultores brasileiros de sustentabilidade, o professor Ricardo Voltolini explica como o tema pode alterar a vida moderna e influenciar a educação.

Formação de Professor

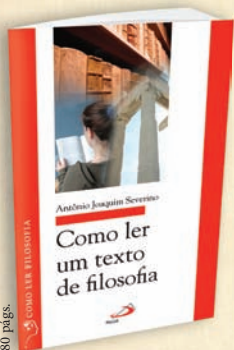
Como refletir sobre os processos de formação e educação com o livro *Helder Camara, um nordestino cidadão do mundo*.

Da Grécia Antiga até os dias de hoje:

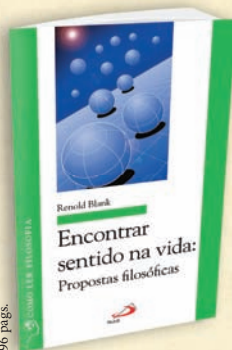
será essa a extensão do seu conhecimento depois de conhecer estas coleções!

Coleção *Como Ler Filosofia*

A Filosofia é uma apaixonante área do conhecimento. É ela que nos oferece as ferramentas necessárias para compreendermos a realidade, fruto das complexas interações sociais. Para conhecer melhor essa fascinante ciência, adquira a coleção **Como Ler Filosofia** e obtenha respostas valiosas sobre o nosso ser e estar no mundo!



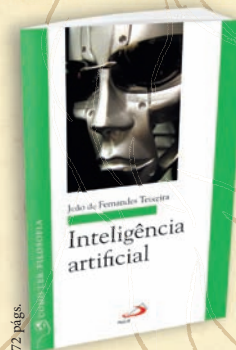
80 págs.
Como ler um texto de filosofia
Antônio Joaquim Severino



96 págs.
**Encontrar sentido na vida:
Propostas filosóficas**
Renold Blank



72 págs.
Como ler a filosofia da mente
João de Fernandes Teixeira



72 págs.
Inteligência artificial
João de Fernandes Teixeira



72 págs.
**Como ler a filosofia clínica
Prática da autonomia do pensamento**
Monica Aiub



128 págs.
**Uma introdução
à República de Platão**
Giovanni Casertano



120 págs.
**Um mestre no ofício:
Tomás de Aquino**
Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento



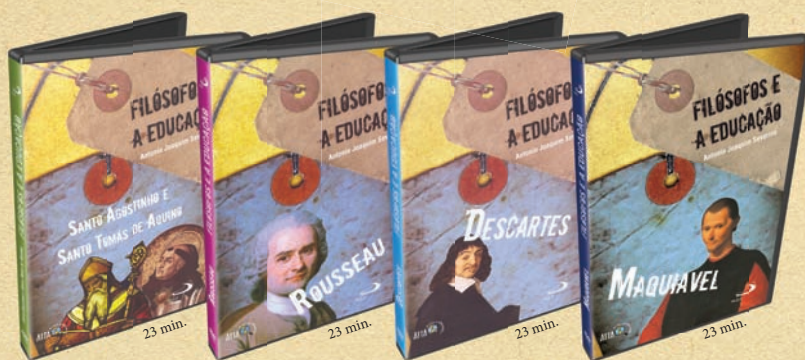
120 págs.
**Um mestre no ofício:
Tomás de Aquino (com DVD)**
Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento

Coleção Filósofos e a Educação

Com abordagem acessível, dinamicidade e imagens que propiciam o aprendizado, a coleção **Filósofos e a Educação** foi concebida para aperfeiçoar as práticas educacionais e incentivar o senso crítico. Conheça todos os DVDs e faça você também a diferença na História!



25 min.
Sócrates, Platão e Aristóteles

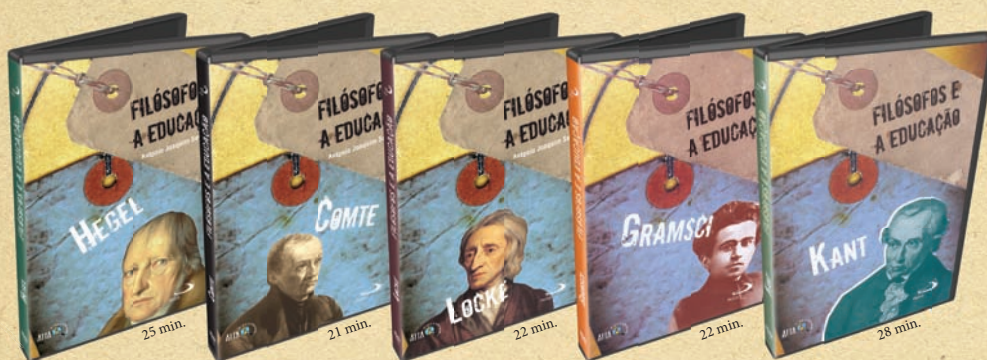


Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino

Rousseau

Descartes

Maquiavel



Hegel

Comte

Locke

Gramsci

Kant



Marx

Nietzsche

Foucault

Deleuze

Arendt

Bourdieu

PAULUS: 29 livrarias distribuídas por todo o Brasil.

VENDAS: Tel.: (11) 3789-4000 — 0800-164011 — vendas@paulus.com.br

SAC: Tel.: (11) 3789-4119 — sac@paulus.com.br

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br



PAULUS

06

Entrevista

Os caminhos urgentes da sustentabilidade

O tema sustentabilidade alerta para a escassez de recursos naturais e a necessidade de mudanças, segundo o consultor Ricardo Voltolini.

11

Arteterapia

Arte-educação, arteterapia: recursos expressivos

A arteterapeuta Ana Rosa de Andrade compartilha sua experiência de união entre arte-educação e arteterapia como atividade entre os alunos.

14

Pedagogia

Formação de pesquisadores: desafio para a prática pedagógica

Os entraves para o desenvolvimento econômico e científico do Brasil por conta da escassez de pesquisadores, por Helena Vitorazo.

18

Didática

Proposta pedagógica: construção coletiva

Como elaborar uma proposta pedagógica levando em conta as diversas opiniões envolvidas no processo de educar, por Vanda Minini.

22

Capa

Brincadeira de aprender. Está cada vez mais próximo o diálogo entre o lúdico e a educação. Saiba como os jogos educativos cresceram no mercado e o que podem oferecer para a criança. Conheça também experiências que já estão sendo realizadas e a opinião de especialistas sobre o tema.

29

História

Ao completar 50 números, *Páginas Abertas* se debruça no passado e revela sua história!

Seções

16

Filosofia

Clássicos? E eu com isso? (Vitalidade, autoajuda e permanência), por Mario Sergio Cortella.

21

Literatura

Raios do olhar, por Antonio Iraldo Alves de Brito

28

Reflexão

Escolher sempre o melhor, por Alexandre Carvalho

32

Li, Gostei e Recomendo!

A ecologia pluralista da comunicação – Conectividade, mobilidade, ubiquidade, por Cíntia Dal Bello

34

Sala de Aula

Drogas, prevenção, escola, por Irite Elisa Ferrari Ferreira

36

Páginas Abertas Indica

Clássicos, literatura infantojuvenil e filosofia estão entre as nossas indicações.

38

Crônica

Carta a um jovem aluno, por Douglas Tufano.

Encarte

Especial Formação de Professor

Compaixão é a capacidade que algumas pessoas têm de sentirem dor com a dor do outro e de serem solidárias com o próximo. E foi esse sentimento que norteou a caminhada de dom Helder Camara, uma das figuras religiosas mais lembradas e queridas do Brasil. Nesta edição, o projeto pedagógico de Beatriz Tavares de Souza é sobre o livro *Helder Camara, um nordestino cidadão do mundo*, que consegue transmitir aos leitores toda a ternura desse exemplo de fé e caridade.



Páginas *Abertas*

Ano 37 – nº 50 – 2012
ISSN 1414-4638

Diretor Presidente
Valdecir Antônio Conte

Diretor-geral
Manoel Conceição Quinta

Diretor de Difusão
Valdêz Dall'Agnes

Diretor de Produção
Evandro Antônio Mazzutti

Diretor de Redação
José Dias Goulart MTB 20.698

Conselho Editorial
Dílvia Ludvichak, Ricardo Aretini
e Marcelo Balbino

Arte
Rafael Luzio Rodrigues

Reportagem e Edição de Texto
Marcelo Balbino

Revisão
Chantal Scalfi Rangel

Colaboradores
Alexandre Carvalho, Ana Rosa de Andrade, Antonio
Iraildo Alves de Brito, Beatriz Tavares de Souza,
Cíntia Dal Bello, Douglas Tufano, Helena Vetorazo,
Írite Elisa Ferrari Ferreira, Mario Sergio Cortella
e Vanda Minini.

Redação
Rua Francisco Cruz, 229 – 04117-091
São Paulo – Tel.: 11 5087-3742
FAX: 11 5579-3627
paginasabertas@paulus.com.br

Atendimento ao Leitor

Tel.: (11) 3789-4000
assinaturas@paulus.com.br

A revista PÁGINAS ABERTAS é uma publicação da Pia Sociedade de São Paulo. Nenhum material dessa publicação pode ser reproduzido sem prévia autorização. Essas proibições aplicam-se também às características gráficas dessa obra e sua editoração.

Entre em contato conosco caso queira citar algum artigo.

**A assinatura da revista
PÁGINAS ABERTAS é gratuita.
Para mais informações,
ligue: (11) 3789-4000**

Os artigos assinados são de exclusiva responsabilidade de seus autores, não representando necessariamente a posição da revista.

paulus.com.br



Editorial

Muito mais que 50 números!

Esta não é uma edição diferente das outras, no sentido de reafirmar nosso compromisso em oferecer um material de apoio ao professor. Você encontrará o conteúdo de sempre, produzido com a mesma intensidade, alegria e profissionalismo.

Para nós, este trabalho teve um gostinho diferente, afinal chegamos ao número 50 da nova fase da revista, motivo do qual muito nos orgulhamos! Estar aqui sinaliza o bom caminho trilhado e nos faz olhar para as pessoas responsáveis por iniciarem este trabalho, lá na década de 70. Se não fossem por elas e sua imprescindível ajuda, talvez não teríamos hoje este texto aqui.

Tomados por esse espírito, aproveitamos a ocasião para lembrar que esse é um trabalho longo e conjunto, feito das mais variadas contribuições. Aproveitamos para agradecer todos aqueles que já percorreram ou estão conosco em nossas páginas, desde as fontes de informação, colaboração e indicação, até a arte, revisão, fotografia, texto. Para lembrar um pouco o percurso, fizemos uma reportagem sobre a história da revista a partir das opiniões de quem a faz e lê. E sintonizados que sempre estamos com o nosso tempo, trouxemos para a matéria de capa os jogos educativos e sua influência, conteúdo e formatos no processo de aprendizagem.

Por falar em atualidade, acompanhe a entrevista com Ricardo Voltolini, professor, consultor, escritor, jornalista e uma das maiores autoridades no País quando o assunto é sustentabilidade. Ele explica os desafios urgentes que teremos de enfrentar para preservar o planeta e como a educação poderá influenciar o processo.

Outro destaque é o artigo da professora Vanda Minini sobre o conceito de proposta pedagógica nas instituições. Arte-terapia também é tema desta edição, tratado pela experiência de Ana Rosa de Andrade e os exemplos de como a arte pode tornar as pessoas mais produtivas e conscientes. A professora Helena Vetorazzo enveredou igualmente por um tema muito importante: a pesquisa escolar. As conclusões você acompanha nas próximas páginas, em seu enriquecedor artigo.

O suplemento “Especial Formação de Professor”, escrito por Beatriz Tavares de Souza, traz a história de vida de um nordestino cidadão do mundo, o saudoso dom Helder Camara. Não podemos deixar de mencionar nossos colonistas, que a cada edição nos brindam com letras e conhecimentos. Ao lado de Mario Sergio Cortella, Douglas Tufano, Antonio Iraildo e Alexandre Carvalho você estará em ótima companhia!

Páginas Abertas é assim: uma revista madura, mas sempre com novidades.

Boa leitura e até breve!

Equipe Páginas Abertas

Os caminhos **URGENTES** da sustentabilidade

Presente cada vez mais nas discussões das sociedades, empresas e ensino, o tema sustentabilidade dá seu alerta para a escassez de recursos naturais e a necessidade de mudanças. Conversamos com o professor Ricardo Voltolini*, um dos principais consultores do País sobre o tema, que enfocou, entre outras questões, o papel estratégico da educação na conscientização dos problemas que precisaremos enfrentar.



Divulgação

Qual é o seu foco de atuação no momento?

Metade do meu tempo é dedicado ao trabalho de educador, como professor voltado para educar líderes e gestores de empresas que estão trabalhando com o tema da sustentabilidade. Isso tem a ver com um grande projeto que criei chamado Plataforma Liderança Sustentável, cujo objetivo é identificar, conectar, inspirar e educar jovens líderes no Brasil inteiro. O portal (www.ideiasustentavel.com.br/leaders) possui uma série de vídeodepoimentos dos principais presidentes de algumas empresas brasileiras e foi inspirado nos achados do meu livro *Conversando com líderes sustentáveis* (Ed. Senac).

Na outra metade do tempo, faço consultoria em sustentabilidade, mais especificamente no universo empresarial. Meu trabalho básico é ajudar e apoiar empresas que estão querendo inserir a sustentabilidade na pauta da gestão de negócio e em sua cultura organizacional.

Como você define o conceito de sustentabilidade?

Sustentabilidade significa seguir produzindo e consumindo hoje sem es-

gotar os recursos de que as próximas gerações vão precisar para viverem bem: ar e água limpos, solo fértil, clima estável e uma sociedade menos desigual, com menos conflitos.

Fale sobre a importância do tema hoje.

Estamos falando de uma discussão cujo senso de urgência se acelerou nos últimos quatro anos. Houve um aumento da demanda das empresas por colocar a sustentabilidade na gestão dos negócios. Isso porque cresceu a consciência de que existem, de fato, uma limitação dos recursos e questões importantes como as mudanças climáticas. Revê-las vai interferir na maneira de as empresas operarem no futuro.

Tais temas são considerados estratégicos para se pensar as sociedades modernas e necessariamente passam pela educação. O que se discute hoje em sustentabilidade é algo bem simples, mas, ao mesmo tempo, difícil de mudar. Consiste em como nós vamos continuar produzindo e consumindo sem desgastar os recursos e as condições para as próximas gerações também produzirem e consumirem.

A educação ambiental é uma vertente do conceito de sustentabilidade?

Em 2012, vamos comemorar os 20 anos da Rio 92, um marco mundial na discussão da sustentabilidade, o despertar de um espírito que reconheceu a importância de preparar indivíduos para começarem a refletir sobre sua relação com a natureza e os recursos naturais. Essa necessidade persiste e, na verdade, acho que ela ganhou outras formas. Se lá atrás se falava em educação ambiental, talvez possamos falar, agora, em educação para a sustentabilidade. Temos aí um conceito mais amplo do que o de educação ambiental. Estou entre os que acreditam que a questão meio ambiente/ambiental está inserida no conceito de sustentabilidade.

Então a educação terá um papel importante perante a sustentabilidade?

Considerando que a sustentabilidade é um grande tema deste século, obviamente ele não pode ficar fora de nenhum processo relacionado à educação. Isso vale tanto para a escola de negócios que forma gestores de empresas no Brasil quanto para todas as crianças que estão aprendendo.

Indivíduos terão de reaprender a consumir de modo mais sustentável; governos terão de legislar, regular, para as empresas produzirem de modo mais sustentável. O desafio é grande! Não é simples, porque, quando mencionamos mudanças nos padrões ou nos modelos mentais e de negócios, essas alterações são demoradas e não acontecem de um dia para o outro. Às vezes, levam décadas.

Enquanto professor, cuido de disciplinas específicas ligadas ao tema da sustentabilidade. A tendência aponta

que várias escolas já estão considerando o assunto, talvez ainda de uma maneira não tão importante, mas felizmente pensam nele durante o ensino de determinadas matérias. Nota-se o interesse começando a aparecer, só que ainda depende muito do professor, do modelo pedagógico, da ênfase que a escola escolheu dar.

Quais são os principais desafios?

Os desafios são conhecidos: gestão da água, efeito estufa, resíduos, consumo responsável, mudanças nos processos de produção e investimentos em inovações e tecnologias. Existe uma série de tópicos que hoje estão colocados no universo da sustentabilidade e que cada vez mais interessam às empresas. Por que não interessariam às escolas?



Se lá atrás se falava em educação ambiental, talvez possamos falar, agora, em educação para a sustentabilidade.



Quais podem ser as consequências para a sociedade que não respeitar os conceitos de sustentabilidade?

Nós já temos evidências científicas muito claras de que é preciso modificar a rota atual do aumento da temperatura na Terra. Se isso não for alterado, não está fora de questão ocorrerem gravíssimos problemas num período entre 50 e 100 anos, como o aumento do nível dos oceanos, inundações de cidades, intensificação dos efeitos climáticos. Onde faz muito calor a temperatura subirá

consideravelmente, e onde faz frio ela crescerá ainda mais. Os ventos serão fortíssimos e as cheias, mais graves. Tudo está nesse pacote de alteração climática. O grande ganho é saber claramente que as mudanças têm a ver com a mão do homem. E se fomos nós que as geramos com o aumento das emissões de gases do efeito estufa, também é nossa responsabilidade mudar o quadro.

E como está, hoje, o interesse pelo tema na sua opinião?

Vejo um sinal de alerta colocado para todos nós. Isso é uma percepção minha, de alguém que trabalha no meio, de que houve um aumento do interesse sobre o tema. Governos começaram a discutir mais. As escolas, a debater. Eu participei disso, conversei com educadores, e empresas demonstraram querer mudar seus processos, exatamente para reduzir emissões ou para desenvolver uma relação melhor com o mundo e os recursos naturais. Essas atitudes são muito importantes.

Como você vê o futuro das próximas gerações?

Eu acho fundamental educar as próximas gerações para o desafio que elas encontrarão. Quando a gente fala em sustentabilidade, há sempre uma discussão etária. A minha geração, por exemplo, dos 40 e tantos anos, não aprendeu nada na escola sobre sustentabilidade e não teve educação ambiental, vivendo a ilusão de uma natureza abundante, eternamente a serviço dos homens e das empresas. Talvez a grande mudança de patamar tenha sido a percepção que acabamos tendo nos últimos anos de que isso é ilusão, é utopia. A gente tem de aprender e lidar cada vez mais com a noção da escassez de recursos. ■▶

Entrevista

Qual é sua sugestão de abordagem para a sustentabilidade na sala de aula?

De certa forma, já temos conteúdos vindos de outras disciplinas. Acho importante trabalhar a educação ambiental, mas também é válido o professor começar a inserir o assunto na sua disciplina. A educação ambiental, a meu ver, deve sempre relacionar conteúdo e vivência. A mobilidade é um bom exemplo, que interessa a todos nós. Gasta-se muito tempo no trânsito nas grandes cidades, logo, posso discutir a problemática pela ótica da sustentabilidade: o transporte individual de automóvel, além de poluir e aquecer o planeta, ainda prejudica a saúde. Qual seria a saída para

isso? Vamos discutir? Uma solução poderia ser o transporte coletivo. Sim, mas ônibus também poluem, só que podem ser abastecidos com biodiesel. E as bicicletas? E as caronas solidárias? E os outros países, como lidam? Podemos pinçar um tema do cotidiano e por ele discutir caminhos, possibilidades, soluções. Isso é Paulo Freire “na veia”, não é nenhuma novidade. Paulo Freire já discutia o respeito aos saberes dos aprendizes. Afinal, as crianças também vivenciam o transtorno quando veem o pai pegando o carro, saindo de manhã e voltando tarde da noite em razão do trânsito. Na minha opinião, talvez até mais do que o conteúdo, o desafio metodológico seja o mais importante.

Existe alguma maneira de capacitar professores para a discussão do tema?

Do meu ponto de vista, o tema não pode ser oferecido como um trabalho a mais ao professor, que muitas vezes trabalha dois ou três turnos por dia por conta dos salários baixos. Uma atividade a mais será sinônima de carga extra. Como proceder? Para

mim, essa discussão é a mais importante. O desafio ensina a construção desses conteúdos e, principalmente, de uma metodologia que os integre ao cotidiano do professor habituado a lecionar seguindo um plano de aula, para que ele receba os conteúdos, reflita sobre eles e os incorpore à sua maneira de ensinar.

Como motivar as pessoas e explicar que o tema vai além das restrições?

Na verdade, a sustentabilidade ainda é vista em um campo de restrições onde se afirma o tempo todo: “não faça isso”, “não use o carro”, “não gaste papel”. Por isso, a minha proposta, inspirada nos grandes pensadores, é fazer com que o assunto saia desse cerceio e passe a ser legal para se discutir. Se for algo chato, no qual a todo o momento exista um dedo em riste no nariz, certamente afastará as pessoas. É esperado que quando se fale com crianças e adolescentes eles se rebelem, burlam os limites. Por isso é importante mudar o enfoque, até para o educador também poder olhar a sustentabilidade como um tema atrativo, que exerça apelo. Se eu curtir intimamente, não vai ser difícil demonstrar esse sentimento nos meus exemplos.

Estamos falando também de uma discussão de valores?

Quando a gente fala em educação, acho que surge uma nova discussão. Sustentabilidade não significa ensinar conhecimento, depositar informações na cabeça de crianças e adolescentes, mas sim começar a discutir valores. Hoje, o valor fundamental para uma sociedade que pretende ser moderna é o respeito à diversidade. O conceito é intrínseco à sustentabilidade.



de, à diversidade humana e ao respeito à biodiversidade.

Outro ponto importante é a interdependência, noção profunda quando se discute sustentabilidade. Significa que tudo e todos estão interligados. Não posso só cuidar da minha casa e não cuidar da minha rua, nem cuidar do meu filho e esquecer o da minha empregada; não posso me ocupar da pracinha em frente à minha residência e jogar lixo pela janela do carro, ou até mesmo um sofá velho no rio. É importante olhar cada vez mais o micro e o macro interligados.

A questão também se relaciona com o consumo?

Nas palestras para crianças costumo mostrar, a partir de um encadeamento de fases, qual é o impacto do desperdício aqui em São Paulo, ou do consumo irresponsável lá na casa do urso polar, no polo norte. É interessante quando você mostra essa relação de causa e efeito e explicita os impactos de uma cadeia. Eu posso aliar todos esses dados e colocá-los em uma discussão de consumo sustentável, dizendo: “No momento em que você vai consumir, tem o hábito de prestar atenção em algumas coisas? Você sabe de onde vem esse produto? Sabe quem o fabricou e em quais condições? Que custo gerou para a sociedade e para o planeta?”. Todos esses temas podem ser muito bem contextualizados em uma proposta pedagógica para se discutir sustentabilidade.

O tema poderia ser trabalhado como um todo pela escola?

Honestamente eu nem recomendaria um caminho, mas acho que cada colégio pode encontrar o seu. O fundamental quando falo em conteúdo e valores é o equilíbrio entre eles, principalmente pela perspectiva de uma proposta pedagógica, da vivência, da experiência prática, cotidiana. O tema liga-se a dilemas que estamos vivendo no dia a dia. É fundamental que a escola apoie o professor, para não ser uma atitude isolada ou uma iniciativa particular de alguém que teve apenas boa vontade e pouco preparo. Se a professora entrar na classe e disser que muitas árvores são derrubadas para se produzir cadernos, ela vai gerar um sentimento de culpa nas crianças. Um sentimento bobo de culpa. E também desinformado, pois o Brasil já trabalha com 100% do seu papel certificado, de origem renovável. Prego que, em vez de se incentivar atitudes e iniciativas isoladas e individuais, a escola defina uma base conceitual a partir de conteúdos claros, elucidando como eles podem ser aplicados metodologicamente nas propostas de outras disciplinas. Se você considerar o tema novo para todo mundo, não é exagero afirmar que muitos professores podem não dominar todas as informações básicas necessárias.

Algumas pessoas ainda acham o tema abstrato. Como lidar com isso?

Está cada vez menos abstrato, mas é óbvio que ainda há resistências fundamentadas, na minha opinião, na cultura da utopia da abundância. O que eu sinto é um movimento crescente de incorporação das responsabilidades individuais. Não dá para falar que é a maioria, embora cada vez mais pessoas esclarecidas comecem a refletir sobre isso. Não é um apelo que você manda só para o racional. Há o emocional e demais valores envolvidos também. Uma coisa é certa: as escolas desempenham um papel importante na maneira como esses indivíduos vão mudar seu modelo mental. Por isso, insisto na combinação entre conhecimento e vivência de valores e princípios. ■▶



Fotos: Photoexpress

Entrevista

Como você vê o futuro e a sustentabilidade no Brasil?

Sou altamente otimista. Somos um país jovem, que está cada vez mais inserido no contexto mundial e tende a se tornar a quinta maior economia do planeta em um curto espaço de tempo. Temos um potencial de biodiversidade único. Há várias condições que me deixam muito otimista, sobretudo porque essa evolução acompanha a própria sociedade. Estamos entendendo quais são os nossos grandes dilemas. Até pouco tempo atrás, a gente se preocupava com a fome, miséria, má distribuição de renda, inflação altíssima, desemprego. Hoje nossas atenções são outras, pois estamos evoluindo. Vejo que cada vez mais haverá um entendimento das pessoas em relação à sustentabilidade, e este é o pacto que precisamos estabelecer com as gerações futuras: um pacto ético. Nossas atitudes precisarão ser mais responsáveis para garantirmos que nossos filhos e netos tenham um país com água, florestas preservadas, distribuição de renda, menos desigualdade, menos conflitos sociais. No campo racional, acho que a maioria entendeu que não se pode lesar o meio ambiente, não é bom. O que estamos fazendo para mudar nossos atos? De que estamos dispostos a abrir mão? Aí está a discussão.

Como mudar a cultura das pessoas e fazê-las entender as novas necessidades?

Pode parecer estranha essa discussão hoje, mas há 15 anos ninguém achava absurdo pagar dois mil reais em uma linha telefônica e declarar isso no imposto de renda. Assim como há dez anos, no auge do “apagão”, quando nasceram os selos Procel do Inmetro, que atualmente são usados

como informação determinante para a compra de equipamentos a partir do quesito de economia de energia. Governos, empresas e pessoas precisam exercer seu papel em todas as áreas sobre as quais estou falando.

Seu livro enfoca líderes empresariais que disseminaram o conteúdo da sustentabilidade em empresas. Isso também pode ocorrer no campo educacional?

Claro! Como seriam esses líderes hoje no ambiente educacional? São eles que encabeçariam a discussão, fariam com que o tema entrasse na pauta e depois originasse um debate técnico nos currículos e metodologias. Esses líderes são importantes. E existem. Resta criar as condições para que eles aflorem. Pode ser a diretora, interessada em liderar um processo para inserir a sustentabilidade na política e proposta pedagógica da escola; pode ser um especialista da Secretaria de Educação ou das Delegacias de Ensino interessado em pensar caminhos criativos para gerar interesse nos educadores. Há líderes de diferentes espécies. A principal conclusão à qual cheguei no final deste livro é a variável mais importante de sucesso para a implantação da sustentabilidade em uma empresa: a liderança. Transpondo o mesmo raciocínio para o campo educacional, a variável mais importante de sucesso também vai ser a liderança. Quem são os líderes educacionais dispostos a levar a discussão a fundo? Essa é a pergunta.

Como você encara a tarefa de ser professor?

Tenho milhares de ex-alunos em empresas e governos, de todos os cursos que lecionei, desde 1996, sobre o ter-

ceiro setor, responsabilidade social, sustentabilidade. Sempre me perguntam: “Por que você dá aula?”. Ora, a educação é o instrumento mais transformador que existe. Desconheço outro modelo promotor do desenvolvimento humano mais eficaz do que ela. É nisso que eu acredito. Acho boa a educação que você aprende ensinando e ensina aprendendo. Eu li muito Paulo Freire na minha juventude. Vejo a atividade de educar essencial e hoje eu não me imagino sem dar aulas, embora isso nunca tivesse sido um projeto meu.



Photoxpress

*Ricardo Voltolini é professor do MBA de Gestão e Empreendedorismo Social (FIA), do MBA de Sustentabilidade e T.I. (Poli/USP), do MBA de Comunicação Empresarial da Associação Brasileira de Comunicação Empresarial (ABERJE), do programa New Earth Leaders da Associação Brasileira para o Desenvolvimento de Líderes (ABDL), entre outras instituições. Além de jornalista e MBA pela FIA (Fundação Instituto de Administração), é um dos primeiros consultores brasileiros especializados em responsabilidade social empresarial e sustentabilidade nos negócios, além de diretor da revista *Ideia sustentável*. Recentemente, publicou o livro *Conversas com líderes sustentáveis* (Ed. Senac-SP).



Photoxpress

Arte-educação, Arteterapia: recursos expressivos

Arteterapia é um instrumento terapêutico não verbal que utiliza recursos expressivos nos quais o homem, por meio de suas produções, entra em contato com o seu mundo interior. O processo criativo envolvido na atividade artística é extremamente enriquecedor para a qualidade de vida das pessoas.

A produção artística está ligada diretamente à concretização e a expressões interiores (inconscientes) do indivíduo em processo de transformação e ressignificação. Ele adquire um novo modo de ver a vida que vai além do olhar externo e passa por um olhar interno e curativo, responsável por liberar energias estagnadas, paradas. O agente passivo se torna ativo graças às suas produções, e as leituras desses símbolos proporcionam bem-estar e conscientização do momento atual a partir dos trabalhos realizados.

A união entre arte-educação e arteterapia é fundamental para as atividades entre os alunos. Quando você passa a entender esses conceitos e realiza uma leitura do seu trabalho, é incrível ver como ele adquire um significado maior. Essa reflexão promove crescimento: é diante da própria realidade do aluno que ele pode construir um processo reflexivo, ser o criador da sua história, e por ela ir viajando.

A arte vai além da produção: é preciso sentir, amar e compreender o trabalho como um agente transformador. Foi ao assumir uma visão mais profunda da leitura e das obras que me encaminhei para a arteterapia. Arte e recursos expressivos geram autoconhecimento e conscientização do presente. ■▶

Arteterapia

A contribuição da arteterapia para com a educação e a comunidade

É muito importante para um educador encontrar sempre novas propostas que o auxiliem a construir o conhecimento do aluno. Desenvolvi alguns projetos usando recursos artísticos que contribuíram de forma significativa para as pessoas envolvidas no trabalho. A arte aproxima as pessoas e promove autoestima, afetividade, amizade e união.

Na parte prática desses conceitos, participei do projeto Conviver com Arte 2009, realizado em parceria com uma associação de moradores, a psicóloga Gilda Maria Giovannone e alguns voluntários. Nele, desenvolvi atividades de inclusão de indivíduos com deficiência e de idosos em oficinas e vivências artísticas voltadas aos moradores da Vila Monumento, em São Paulo (SP). No projeto, foram explorados vários recursos artísticos associados aos elementos da natureza. Cada um deles correspondia a determinados aspectos humanos.

Os resultados obtidos oferecem aos moradores espaço e oportunidade para o convívio social. O tema alteridade é bastante abrangente, abarca pessoas que diferem do padrão estabelecido, seja corporalmente, em razão de alguma deficiência, seja social e culturalmente, pelo gênero ou mesmo pela educação. Essa abordagem, no grupo em que a diversidade se faz presente, requer compreensão para lidar com o diferente em seu convívio e enfrentar situações práticas. Destaco, ainda, que o despreparo para trabalhar com as diferenças amplia o distanciamento e a exclusão.

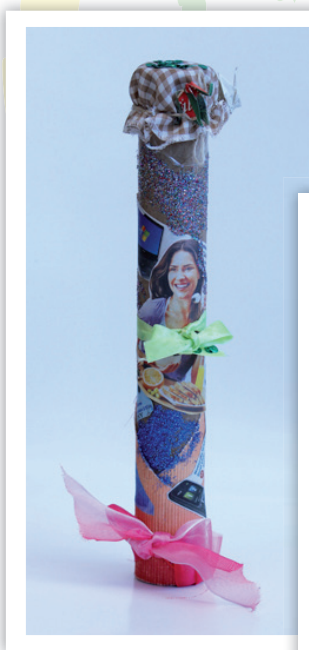
A inclusão social, ao ser um processo coletivo e não individual, requer engajamento. Este, por sua vez, necessita da participação de profissionais com enfoque interdisciplinar e de pessoas dispostas a quebrarem barreiras, obstáculos e ajudarem os demais

a experimentar o sentimento de pertença ao seu grupo social. Utilizar recursos expressivos possibilita explorar potenciais, talentos e o exercício da criatividade, além de auxiliar na compreensão própria de cada um, na construção de vínculos afetivos, de relacionamentos.

Relato aqui uma experiência minha: respeito mútuo, cooperação, cidadania, ética nas relações e responsabilidade social puderam ser vivenciados em oficinas por onze moradores, inclusive uma deficiente visual. Durante três meses, ela se valeu da audiodescrição para se expressar nessa ação voluntária, que incluía uma psicóloga (diretora de Educação e Cultura da Associação de Moradores) e eu (arteterapeuta e arte-educadora).

Em cada encontro dessa minha vivência foi trabalhado um elemento da natureza: água (com a exploração de tintas/pinturas), ar (uso de fios), fogo (mandalas de velas, giz de cera derretido) e terra (a partir da confecção de bola de sementes com argila). A divulgação do projeto foi feita nos jornais de bairros circunvizinhos, em escolas, igrejas e casas comerciais, atraindo diferentes profissionais. Além disso, cinco foram os encontros realizados, uma vez por semana, com duração de noventa minutos, em salas organizadas com mesas e cadeiras confortáveis. Embora o número de participantes tenha sido limitado, os resultados foram muito gratificantes. Os participantes se sensibilizaram em oferecer alimentos não perecíveis e muitas outras doações. Os comentários foram unânimes a favor da continuidade dos trabalhos e ainda ressoam nos encontros informais de quem esteve por lá.

Divulgou-se na comunidade, em especial nas escolas públicas, a possibilidade de haver oficinas com professores do ensino fundamental que promovam a reflexão de práticas pedagógicas utilizando recursos expressivos. Tais procedimentos viabilizam o engajamento de coordenadores pedagógicos e professores. A pertinência deste projeto, pelos desdobramentos que se delineiam, reforça a importância de se atentar para a diversidade e a profissionalização.





Ir além do que os olhos podem ver

Essa frase é o meu combustível para criar projetos que toquem o coração do ser humano e o inspirem a também querer tocar o seu próximo. “O homem é aquilo que pensa.” Acredito que essa força interior promove a qualidade de vida.

Uma obra é o reflexo do seu criador, de sentimentos, conteúdos, tempo e espaço. A leitura do trabalho artístico é muito rica; cores, símbolos, palavras, desenhos são caminhos para uma visão deste momento único e presente. Ver-se de forma concreta e não abstrata atua de modo revelador sobre situações inconscientes. A obra fala pela sua produção.

Atualmente, desenvolvo o Projeto Criatividade – Acesso Direto ao seu Poder Pessoal, espécie de curso que ajuda o ser humano a descobrir, de forma lúdica e alegre, seus talentos, vivências e produções artísticas. Como objetivos, destaco: conscientizar as pessoas sobre o seu potencial interno e externo; usar a criatividade como ferramenta principal do cotidiano; ousar, fazer diferente e valorizar o ser divino e criador.

Os resultados mais comuns em minha experiência se referem a um novo olhar para a vida; acompanho o desenvolvimento da criatividade e da inteligência emocional no dia a dia; sinto a alegria de viver, a vitalidade. É interessante lembrar que os participantes devem ser pessoas dispostas a encontrar novos caminhos, a serem livres para escolher sua própria realidade através de atitudes renovadas. Quando estamos felizes somos criativos, e por consequência transformamos a nossa vida.

O professor faz a diferença com o seu trabalho: ele está sempre contribuindo com o seu conhecimento e sua forma hábil de mostrar novas possibilidades unindo os conteúdos de sua disciplina uns aos outros. Os desafios existem para todos, mas usá-los como alavanca depende da nossa criatividade, de acreditar que somos capazes. Ela nos ajuda em todas as áreas e promove felicidade. Ser um profissional proativo e feliz é ser criativo. Para tanto, precisamos nos dar oportunidades para viver tal realidade.

*Ana Rosa de Andrade é graduada em Desenho Industrial pela Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP) e em Educação Artística pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo. É arteterapeuta, arte-educadora e naturopata.



Fotos: Divulgação

Formação de pesquisadores:

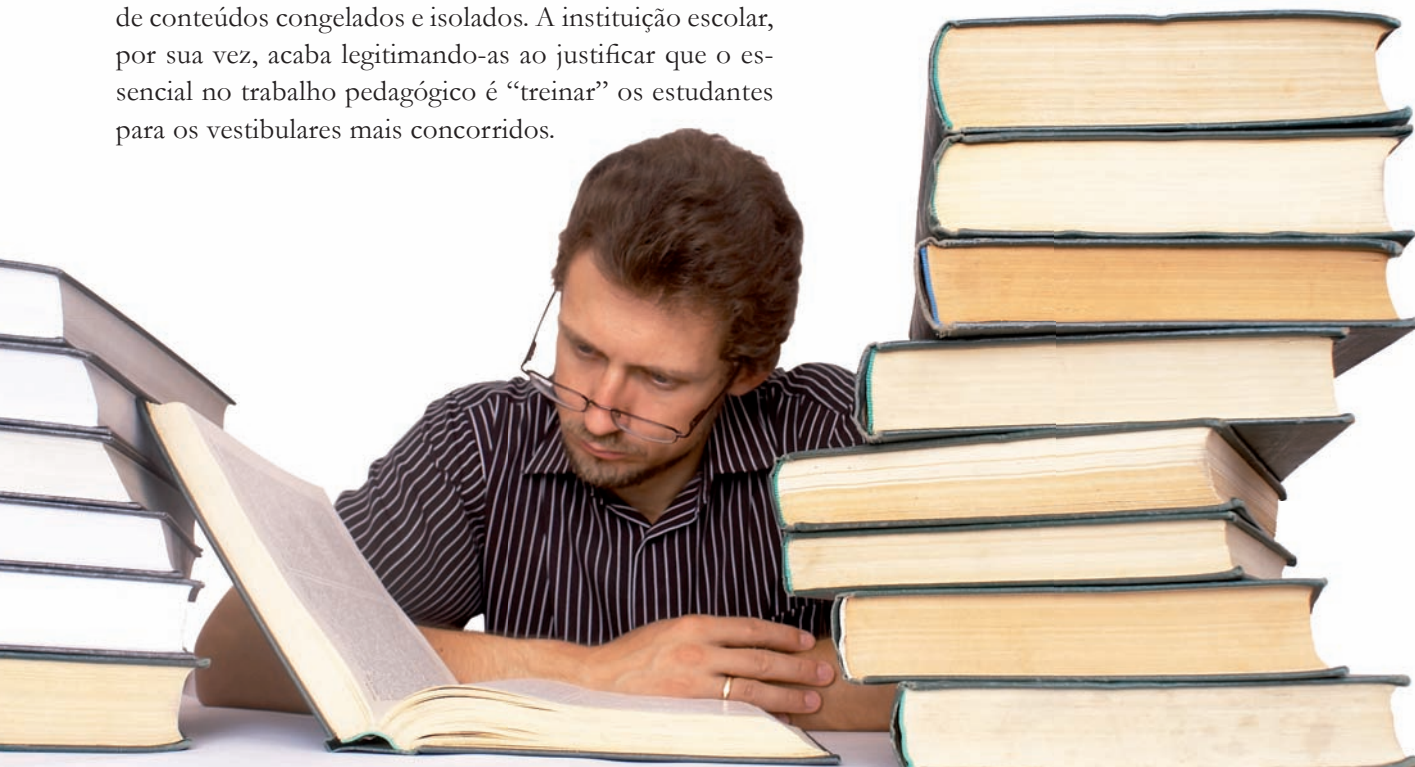
desafio para a prática pedagógica

A escassez de pesquisadores constitui um dos grandes entraves para o desenvolvimento econômico e científico do Brasil, neste e nos próximos anos. Em diferentes áreas do conhecimento, instituições públicas e privadas sofrem para encontrar pesquisadores qualificados que atuem de forma colaborativa em equipes multidisciplinares. Embora alguns especialistas relacionem o problema à falta de investimento no ensino superior e nos cursos de pós-graduação, as causas podem ser identificadas em duas esferas pouco discutidas: a dos cursos de formação de professores e a das práticas pedagógicas no ensino básico.

Os cursos de formação de professores tradicionalmente priorizam uma prática docente sem compromisso com a pesquisa, formando profissionais para o ensino básico que ficam perdidos quando, em sua prática cotidiana, se veem diante da exigência do desenvolvimento de projetos de pesquisa e atividades interdisciplinares ou multidisciplinares. Como resultado, os professores desenvolvem práticas pedagógicas que priorizam a transmissão de conteúdos congelados e isolados. A instituição escolar, por sua vez, acaba legitimando-as ao justificar que o essencial no trabalho pedagógico é “treinar” os estudantes para os vestibulares mais concorridos.

Romper com a atual dificuldade para formar pesquisadores no País é uma tarefa complexa que envolve, além da formação inicial e continuada dos professores, a prática pedagógica observada nas salas de aula do ensino básico. Como transformar estruturas é tarefa que demanda muito tempo, o foco da possibilidade de mudança se transfere para a postura do sujeito diante das novas demandas sociais.

Com o objetivo de promover uma ressignificação da prática docente, diferentes perspectivas teóricas têm apontado para a necessidade de se reconhecer a ação do professor como ação reflexiva comprometida com a construção do saber. Desenvolver uma prática pedagógica focada na construção desse saber exige disciplina intelectual por parte de docentes e estudantes. Ela não ocorre de forma imediata e pode ser desencadeada pela substituição das tarefas escolares baseadas no “copiar/colar” por trabalhos fundamentados e organizados conforme a metodologia de projeto. Neste sentido, o professor pre-



cisa reestruturar sua compreensão acerca da atividade que desenvolve durante as aulas e do trabalho escolar que solicita aos estudantes como parte do processo de avaliação.

Segundo Yuri Leone, estudante do 2º ano de Mecatrônica na Fatec, os trabalhos solicitados durante o ensino básico não eram contextualizados e exigiam atividades que normalmente se resumiam a uma pesquisa sem qualquer obrigatoriedade de reflexão ou problematização. A sensação era de que os “trabalhos só serviam para dar trabalho”, porque muitas vezes os docentes não davam retorno daquilo que era solicitado e não estabeleciam ganhos conceituais com os conteúdos abordados nas aulas.

“

Uma prática pedagógica embasada na metodologia de projetos é fundamental para estimular os estudantes a construir saber.

”

Realidade semelhante viveu o engenheiro agrônomo Gustavo da Silva Caldeirão, que afirma ter sofrido bastante para produzir o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Durante sua trajetória escolar, os professores nunca explicaram que a pesquisa é uma das etapas do trabalho escolar desenvolvida ao longo dos estudos — e não o trabalho em si. Quando se viu diante da exigência de produzir saber a partir de um tema determinado, desconhecia por onde iniciar, principalmente porque, em suas aulas de Metodologia do Trabalho Científico, os professores partiam do pressuposto de que a classe já sabia elaborar projetos desse porte.

O estudante Diego O. Franco, do 2º ano do curso de História na Universidade de São Paulo, relata que durante o ensino básico teve o privilégio de participar de um grupo de iniciação científica em seu colégio, organizado por alunos interessados em ir além dos conteúdos das aulas. Os assuntos contemplavam diferentes áreas do conhecimento, como humanas, exatas e biológicas. A coordenação ficou sob a responsabilidade da professora de história, que apresentou a metodologia de projetos com uma linguagem adaptada à realidade do estudante do ensino básico.

Para Diego, a participação no grupo constituiu um diferencial em sua formação, pois, agora, em sua realidade de universitário, se considera tranquilo para produzir os trabalhos solicitados pelos professores. Atualmente, ele está definindo a linha de pesquisa que utilizará para elaborar seu TCC. A intenção é seguir a vida acadêmica trabalhando como professor e pesquisador na área da educação.

Os relatos apresentados revelam a existência de práticas conservadoras e práticas que sinalizam o início da mudança no espaço da sala de aula. Criar um grupo de iniciação científica no ensino básico é fato possível e compatível com uma prática pedagógica reflexiva que, pela implantação da metodologia de projetos em aula, valorize e estimule a criatividade dos sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

Uma prática pedagógica embasada na metodologia de projetos é fundamental para estimular os estudantes a construir saber. Isso contribui para que se percebam (e também os professores) como sujeitos ativos do conhecimento e não simples reprodutores de conteúdos de sala de aula. A metodologia de projetos, quando utilizada desde as séries iniciais, é capaz de romper com o ensino fragmentado e desenvolver habilidades e competências que atendam às demandas da sociedade contemporânea, seja para a esfera da produção científica, seja para o âmbito do mercado de trabalho.

*Helena Vettorazo é professora dos ensinos básico e superior. Socióloga formada pela Universidade de São Paulo, tem pós-graduação em Ética e Pedagogia e é pesquisadora da área de Educação.
Site: <http://www.wix.com/helenavettorazzo/educacaoemmovimento#>



Clássicos?

E eu com isso? (Vitalidade, autoajuda e permanência)**



Divulgação

O clássico, aquilo que for legitimado como sendo de alta qualidade, especialmente pelas classes sociais hegemônicas, ganhará a natureza de cânone. A ideia de cânon, em latim, é a de regra, é aquilo que está no modelo aceito. Se eu quisesse falar em latim, teria de reproduzir as coisas escritas por Cícero. Se eu quisesse ser um orador, teria de seguir o mesmo padrão de Catulo, por exemplo.

Por que digo isso do ponto de partida da reflexão? Para pensarmos a necessidade dos clássicos no mundo contemporâneo, é necessário que percebamos se essa noção classista, isto é, ideológica, ainda tem permanência nos nossos tempos. Sem dúvida, ela ainda permanece. Não é casual que dificilmente deixaríamos de saber classificar — e a palavra “classificar” vem de “clássico” —, estabelecer uma hierarquia de obras que valem e outras que valem menos. Há pessoas, por exemplo, que se ofendem se alguém pergunta: “Você leu tal autor?”. A resposta é: “Eu não leio esse tipo de coisa!”.

Na área da filosofia, é muito comum alguém nos perguntar: “Esse livro que você lançou é de autoajuda?”. Eu costumo dizer que sim. Sabe por quê? Porque filosofia é sempre

autoajuda. Em toda a história humana, desde a origem. É que quando a pessoa fala autoajuda ela está querendo dizer que aquilo tem uma valia menor, que ela tem uma característica de divulgação no meio da plebe, que ela é uma leitura de metrô. O que, aliás, seria o nosso sonho. Quem dera se cada vez mais a filosofia tivesse esse alcance, especialmente os clássicos.

Ora, filosofia é autoajuda mesmo, no sentido de que não há produção da reflexão humana que não tenha como finalidade central fazer com que nos elevemos, crescamos, superemos a nossa condição atual.

Talvez eu dissesse que filosofia não é autoajuda no sentido banal que se usa agora, de mero livrinho que serve para você ficar bem durante uns 15 ou 20 minutos e aumentar a sua capacidade de acreditar na espécie, na história, no planeta. Não é essa a questão.

No entanto... cautela a cada um de nós com o preconceito. O preconceito nos leva, muitas vezes, a não entender como clássicos algumas coisas só porque elas não estão dentro dos cânones, daquilo que é o padrão estético aceitável dentro da literatura, da expressão poética, das artes plásticas, da produção da escultura. Mormente se diria: “Eu prefiro os clássicos!”. Ora, se na origem a ideia de clássico estava ligada a uma classe social, hoje ganhou ares de hegemonia, se estruturou como cânone ou referência, e aí se tornou obrigatória, excluindo-se com o tempo todo o restante que não for clássico. Especialmente nos últimos 150 anos, a ideia de clássico foi ganhando uma conotação que eu considero mais positiva. Clássico é tudo aquilo que tem perenidade, é aquilo que permanece no tempo.

E eu queria introduzir agora uma distinção que reforça a noção de clássico. Clássico é aquilo que mantém a sua vitalidade ao longo do tempo, é aquilo que continua nos inspirando, nos renovando. Clássico é aquilo que não abdicou da sua condição de reflexão, inspiração, prazer, incômodo, seja uma sinfonia de Beethoven, seja um cantochão medieval, ou,

ainda, um texto de Aristóteles, que ainda hoje se mantém atual para nós.

O clássico é aquele que, mesmo com o passar dos séculos, mantém a sua atualidade. A atualidade de nos inspirar, de nos emocionar. A palavra emoção, no sentido mais próprio que ela carrega no correspondente latim *emovere*, significa “aquilo que me movimenta, aquilo que mexe comigo”. Clássico é aquilo que mexe com você, que o emociona, que o movimenta, que faz com que você se incomode, reflita, pense, rejeite. Lide com a sua vida, com o seu prazer, com a sua alegria.

Clássico é aquilo que sustenta a vitalidade. Por isso, a ideia de clássico não pode estar exclusivamente ligada à ideia de ser uma obra produzida pelas elites. A ideia de clássico, no meu entender, tem de estar conectada a tudo aquilo que mantém a sua atualidade. E a atualidade independe do tempo.

Um pensamento como o de Paulo Freire foi produzido nos anos de 1960 na sua inspiração original, mas é absolutamente atual. Quando Paulo Freire discute o tema do oprimido, quando fala da educação excludente, ele é absolutamente atual, inclusive agora, mas, neste quesito, espera-se que não para sempre. Quando pego um texto de Dante e penso “A Comédia” — mais tarde chamada de “A Divina Comédia” —, eu estou lidando com um texto que mantém uma atualidade na minha reflexão sobre virtudes, vícios, caminhos religiosos, tormentas humanas.

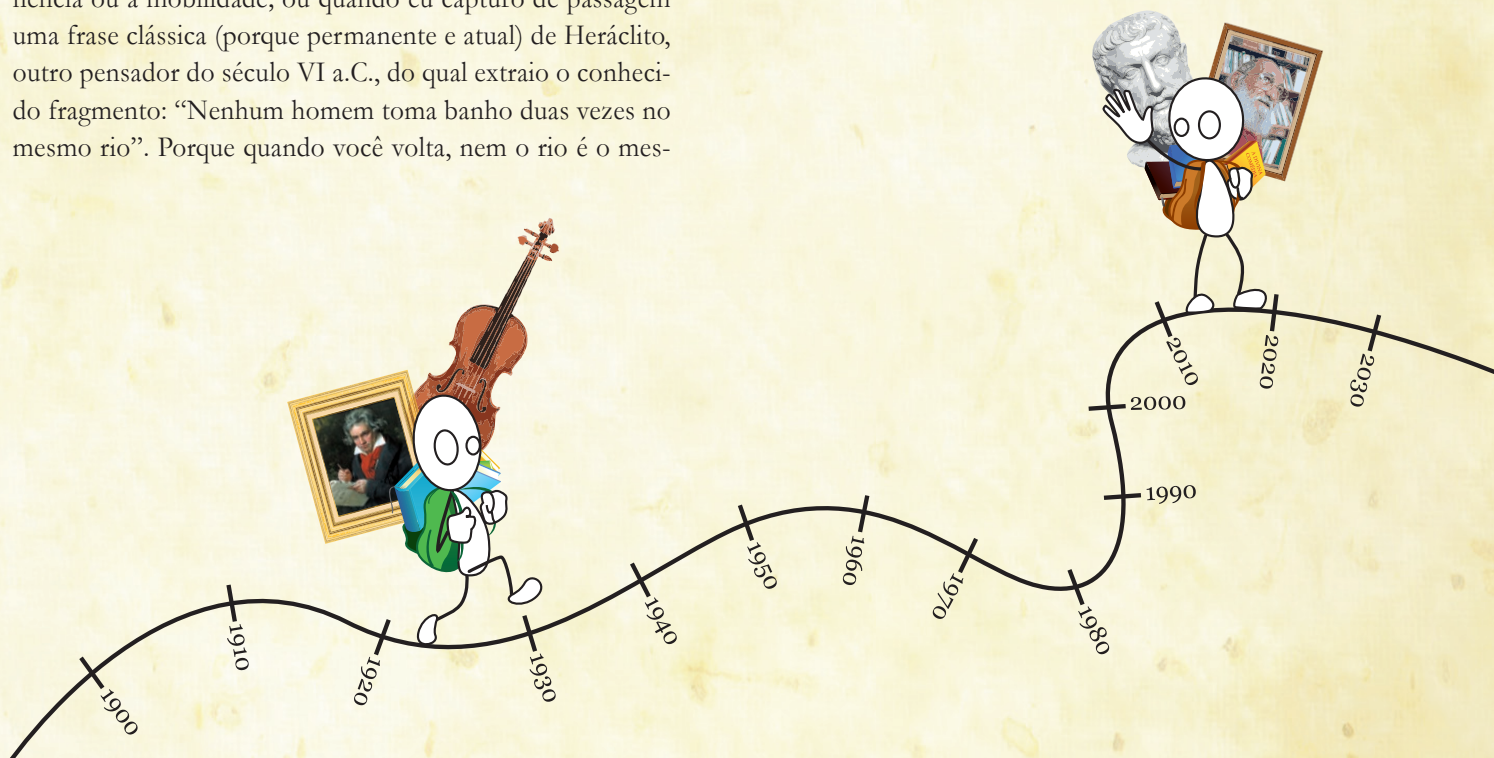
O mesmo se dá quando eu pego a reflexão de Parmênides no século VI a.C., sua discussão sobre o ser, sobre a permanência ou a mobilidade; ou quando eu capturo de passagem uma frase clássica (porque permanente e atual) de Heráclito, outro pensador do século VI a.C., do qual extraio o conhecido fragmento: “Nenhum homem toma banho duas vezes no mesmo rio”. Porque quando você volta, nem o rio é o mes-

mo, nem você é o mesmo. Isso tem pelo menos 2.500 anos e é atual! Aliás, Heráclito é cada vez mais atual. Ele tem uma frase que se aplica aos nossos tempos: “A única coisa permanente é a mudança”. Mas você pode pegar também uma frase que aparece na mitologia grega ou nas obras atribuídas a Homero no século IX a.C., como a “Ilíada” ou a “Odisseia”. Quem de nós ainda não se encanta ao lê-las? Quem de nós não se emociona com a história daqueles homens que decidiram sair de seu lugar e ir até Troia resgatar Helena, que por lá estava há quase uma década, e provavelmente de forma meio voluntária, quando raptada por Páris? Por que até hoje se discute na literatura se Helena ficou entre os troianos por vontade própria ou não? Tal como temos dúvida quando se pensa em Dom Casmurro, se a traição se deu mesmo como crê Bentinho.

E o clássico tem a grande capacidade, e Machado de Assis sabia disso, de colocar temas que não só têm uma universalidade, ou seja, encantam de maneira geral boa parte das pessoas, como uma atemporalidade, não no sentido de não estar vinculado a seu tempo, mas de subsistir por cima do tempo em vários momentos, mantendo sua atualidade.

*Mario Sergio Cortella é filósofo e escritor, com mestrado e doutorado em Educação pela PUC-SP, da qual é professor-titular e na qual atuou de 1977 até 2012.

**Excerto organizado pelo autor e extraído de CORTELLA, M. S. *Filosofia e Ensino Médio: Certas razões, alguns senões, uma proposta*. Petrópolis: Vozes, 2009.



Proposta pedagógica:

construção coletiva



Divulgação

Caros leitores, neste texto, abordarei um documento importante que todas as instituições de ensino devem desenvolver tanto na educação infantil quanto nos ensinos fundamental e médio. Trata-se da proposta pedagógica. Ela é necessária porque norteia toda a educação. Mas... o que ela vem a ser?

No dicionário da *web* (<http://www.dicionarioweb.com.br/proposta.html>), o termo “proposta” está designado as-

sim: “ação de propor; promessa, oferta; declaração verbal ou escrita com a qual se visa obter uma concessão, realizar uma obra, estabelecer um contrato etc.; proposição, sugestão”.

Quando escrita, a proposta pedagógica tem a intencionalidade de expressar as ações que a instituição educacional desenvolverá ao longo do ano letivo. Portanto, nela consta a problemática com a qual a escola lida, e deve salientar as ações que todos (pais, diretores, coordenadores, professores e alunos) deverão buscar para solucionar os problemas levantados no momento da redação do documento.

Toda proposta tem uma linha pedagógica e eixos de ação que nortearão os trabalhos do ano letivo, bem como dos envolvidos na comunidade escolar. Vou mencionar aqui alguns itens que comporão o documento e que, contudo, podem variar. Isso não é uma fórmula pronta, mas um caminho que venho desenvolvendo como pesquisadora ao longo de anos de estudo na área da educação. Portanto, não me refiro a verdades absolutas. Existem autores que raciocinam diferentemente do que irei propor na elaboração do documento. Sintam-se à vontade para escolherem o que melhor convier para as suas instituições de ensino.

A organização deve estar disposta da seguinte forma:

- Capa: No alto dela, o nome da instituição; no meio, o título da proposta; embaixo, o nome da cidade e o ano em que será desenvolvida.
- Sumário: Nele, é preciso indicar os itens e as páginas de cada parte da proposta.
- Introdução: Em formato de texto, que deverá apresentar a problemática em forma de pergunta. Uma vez colocada, é preciso respondê-la nas considerações finais. Os objetivos necessitam ser elencados para a concretização do trabalho planejado.
- Capítulo I (Caracterização da instituição): Elementos históricos da fundação; endereço; características econômicas e sociais do bairro onde a instituição está; quantidade de funcionários, de professores e número de alunos por turno; descrição de toda a estrutura física que compõe o estabelecimento de ensino (salas, quadras, refeitórios, banheiros etc.).
- Capítulo II: Embasamento teórico que subsidia o trabalho dos profissionais na instituição, no processo de ensino e de aprendizagem.
- Capítulo III: Algumas considerações teóricas sobre a problemática levantada na introdução do documento.
- Capítulo IV: Metodologia do trabalho a ser realizado; as pessoas que estarão envolvidas diretamente na concretização da proposta; instrumentos utilizados (palestras, exposições, entrevistas, fotografias, filmagens etc.); procedimentos adotados para solucionar a problemática apresentada na introdução (são as ações propriamente ditas que comporão esta proposta).
- Capítulo V: Análise da proposta (como deverá ser realizada uma avaliação para verificar se a problemática será atingida);
- Considerações finais: Pequena conclusão do que se espera com a proposta. Aqui, a problemática em questão é o ponto centralizador.
- Cronograma de ações: Datas das ações e pessoas envolvidas para cada ação;
- Bibliografia utilizada.

Photoxpress

Algumas observações precisam ficar bem claras neste texto, pois imagino que os leitores devam estar se perguntando: “mas esta é a estrutura de um projeto de pesquisa!”. Muitos itens são parecidos, de fato, embora ressalto: quando se investiga uma problemática para ser solucionada, é necessário levarmos em consideração o caminho da pesquisa científica, senão corremos o risco de nos perder.

Outro fator importante é que uma proposta deve ser escrita em dois momentos: no começo do ano letivo, com verbos utilizados no tempo futuro, porque ainda não aconteceu e é uma ação para desenvolver; e no final do ano letivo, quando já ocorreu. Deve-se também fazer um relatório dos pontos observados, com os verbos no passado.

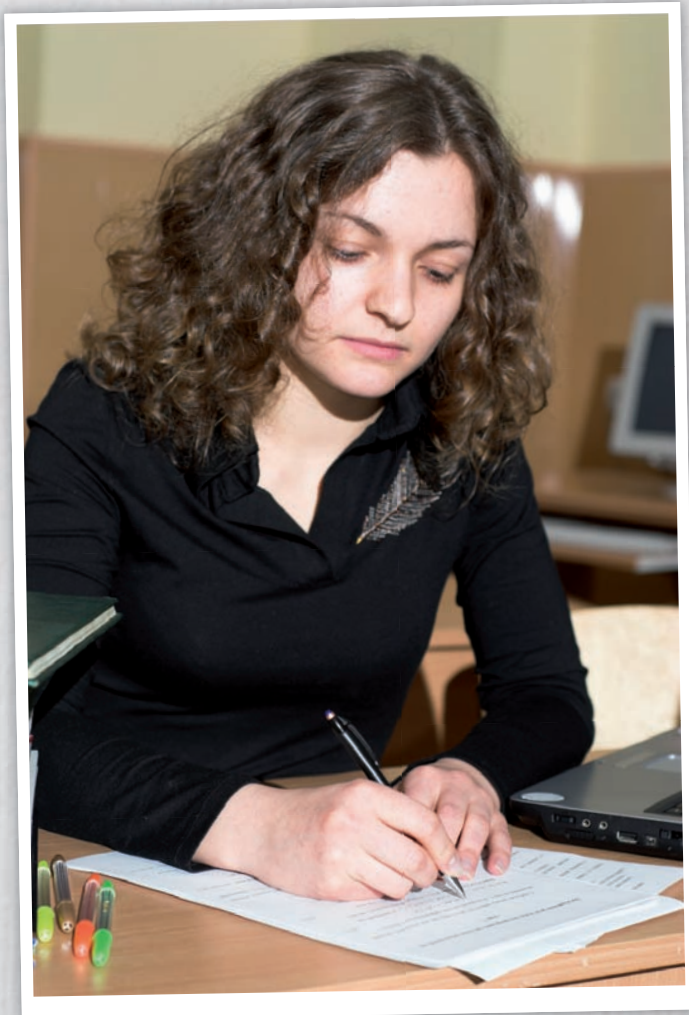
O relatório final poderá ter os mesmos tópicos da proposta inicial, porém, no capítulo concernente à metodologia, tudo o que acontecer de fato deverá ser relatado passo a passo, acrescentando fotos caso tenham sido tiradas. Lembrete importante: é preciso pedir permissão aos pais e/ou responsáveis para autorizarem a divulgação da foto de seu(s) filho(s) se ele(s) for(em) menor(es) de idade. Se já tiver(em) mais de 18 anos, ele(s) mesmo(s) poderá(ão) autorizar ou não a divulgação de qualquer imagem ou, até mesmo, filmagem. Tais cuidados são importantes para evitar qualquer constrangimento legal com a veiculação de fotos sem prévia autorização. ■▶



Didática

As reflexões precisam estar escritas nas considerações finais. Este item deve conter a resposta para a problemática suscitada na introdução, assim como o que foi previsto na proposta e o que foi realmente realizado; o porquê de não se ter realizado o que havia sido idealizado inicialmente; e as dificuldades e facilidades encontradas pelo grupo para sanar a problemática no início do ano letivo. Esses tópicos são importantíssimos e devem ser escritos de forma clara, pois podem nortear a escrita da proposta do ano seguinte.

Toda a proposta necessita se pautar pela coerência em sua redação inicial e final. Por que digo isso? Porque já li propostas iniciais cujo capítulo teórico que deveria embasá-las continha outro assunto. Estas contradições davam ao leitor a impressão de que quem o elaborou não sabia o que estava fazendo. É preciso ter responsabilidade e compromisso com a verdade, elementos essenciais no momento de se propor algo a mais para as instituições de ensino.



Photoxpress

O texto não deve ser apenas mais um papel ou, agora na era digital, mais um arquivo bonito de se ler, totalmente desarticulado com a realidade. Por isso, não existe um modelo único de proposta pedagógica, pois cada instituição está inserida em um contexto social e cultural com especificidades e características sociais e culturais diversas. Uma proposta, quando bem elaborada, atende as necessidades do grupo em que está. Por que digo “se bem elaborada”? Porque no meu caminhar pela educação já vivi realidades inócuas, presenciei direção e coordenação copiando propostas de um ano para o outro ou, pior, de uma escola para a outra. E tudo em realidades bem diferentes. Vi propostas compradas prontas por especialistas da educação.

Muitas vezes, não sabíamos nem se existia ou não a proposta. Fico me perguntando o motivo dessas atitudes. Hoje, como pesquisadora na área da educação, cheguei a algumas hipóteses que divido com vocês: preguiça, falta de comprometimento, de responsabilidade, de motivação e não saber fazer. Esses são alguns pensamentos norteadores das minhas dúvidas.

Nada disso justifica os atos mencionados anteriormente. Trabalhar *na e para* a educação requer consciência e coerência. Não estamos lidando com pedras, mas, sim, com pessoas que necessitam ser ensinadas, educadas, portadoras de necessidades próprias; logo, precisam de propostas reais, não de roteiros que mais parecem filmes de ficção, totalmente alienados e sem compromisso.

Uma proposta pedagógica deve ser elaborada dentro de cada instituição de ensino público por meio de uma gestão participativa (democrática). Isto está previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96, com a participação dos diretores, coordenadores, professores, alunos, pais, comunidade (ONGs, associações de bairro etc.).

Os alunos também possuem vez e voz na gestão democrática de uma escola. Participar da elaboração da proposta pedagógica de uma instituição de qualquer nível de ensino é um direito de quem está inserido nessa comunidade. Portanto, caros leitores, cobrem-no dos responsáveis pela instituição.

*Vanda Minini é doutora em Educação e Psicologia da Educação pela PUC-SP e consultora em Educação. E-mail: vandaminini@hotmail.com

Especial *Formação de* **PROFESSOR**

Helder Camara,
um nordestino cidadão do mundo

Encarte da revista
Páginas
Abertas

Edição 50


PAULUS

**Novo
formato!**



Para retirar este encarte, basta
juntar as oito páginas
e puxá-las

Ele traçou o caminho para a paz. Venha conhecê-lo!

Os valores humanos e as pessoas que representam exemplos de vida a serem seguidos inspiram grandes lições práticas. É o caso da trajetória de Helder Camara, contada no livro *Helder Camara, um nordestino cidadão do mundo*, de Ivana Maria Pereira Bulla e Martinho Condini, com ilustrações de Fabiana Salomão. O tema sugere inúmeros debates sobre atitude, vocação, compreensão de vida e como reconhecer nas pessoas os verdadeiros valores pelos quais devemos nos pautar.



Apresentação

O livro mostra a vida de um verdadeiro paradigma a ser seguido: a de dom Helder Camara, arcebispo de Olinda e Recife.

Justificativas

A obra retrata valores humanos que permitem refletir sobre questões relacionadas ao processo de formação e educação. O tema proporciona debates voltados à vocação, à compreensão da vida, às nossas atitudes e às escolhas perante o próprio futuro. Podem ser estabelecidas conexões interdisciplinares com história e religião, fomentadas a partir de possíveis discussões realizadas em torno da história de Helder Camara. O diálogo incita os alunos a se conscientizarem das suas perspectivas e de seus papéis na sociedade.

Projeto Pedagógico

Como orientar nossa conduta educacional; como reconhecer nas pessoas os verdadeiros valores de caráter nos quais devemos nos espelhar.

Temas Secundários

Família, educação, religião, trabalho e política.

Áreas do Conhecimento

História, Literatura, Geografia, Filosofia, Ciências Sociais e Política.

Temas Transversais

Ética, pluralidade cultural, meio ambiente e trabalho.

Indicações

Ciclo um: indicado para alunos do segundo ao quinto anos.

Ciclo dois: indicado para alunos do sexto ano.

Objetivos

Levar o estudante a se tornar um leitor capaz de atribuir sentido aos textos e explorar seus conhecimentos de mundo. Permitir que ele estabeleça conexões entre o tema do livro e as realidades social, política e cultural brasileiras.

Antes da leitura

Divida os alunos em dois ou três grupos para que pesquisem e conversem sobre alguns assuntos de religião. Pergunte, por exemplo, o que eles sabem sobre um missionário, um pastor, um sacerdote. No Brasil, quais as religiões praticadas?

Sugestão de pesquisa para o primeiro grupo: assuntos de geografia e política

1- Solicite aos professores de história e geografia algum material a partir do qual seja possível elaborar uma linha do tempo no intuito de comprovar as muitas mudanças enfrentadas pelo Brasil. Monte um quadro/painel usando cartolina e fazendo divisões orientadas por tópicos relevantes. Verifique o que acontecia na história nos momentos abaixo:

- Década de 1910 (ano do nascimento de Helder Camara);
- Décadas de 1960, 1970 e 1980 (em se tratando da ação cidadã do arcebispo).

Título: Helder Camara, um nordestino cidadão do mundo
Autores: Ivana Maria Pereira Bulla e Martinho Condini
Ilustrações: Fabiana Salomão
Formato: 18,5 cm x 27,5 cm
Número de páginas: 16

*Beatriz Tavares de Souza é mestre em Linguística Aplicada e pós-graduada em Língua Portuguesa pela PUC-SP. Tem licenciatura plena em Língua Portuguesa e é bacharel em Língua Espanhola, também pela PUC-SP.

2- Tomando por base o sistema político do Brasil:

- a) De 15 de novembro de 1906 a 14 de junho de 1909, o Brasil foi governado por Afonso Pena, que morreu deixando o governo para o seu vice-presidente, Nilo Peçanha. O regime governamental era o da República, logo, democrático. Pergunta: O candidato era eleito diretamente pelo povo?
- b) Qual regime prevalecia no Brasil entre 1964 até meados dos anos 1980?
- c) Os presidentes da República daquele período foram eleitos pelo povo?

3- Procure localizar no mapa do Brasil os estados e as cidades mencionados abaixo:

- a) **Estados:** Pernambuco, Ceará e Rio de Janeiro.
Cidades: Olinda, Recife e Fortaleza (verifique se ainda existe o córrego Pageú).
- b) Qual o nome da antiga capital do Brasil? Em qual das regiões essa cidade se localiza: Norte? Nordeste? Sudoeste? Sul?

Sugestão de pesquisa para o segundo grupo: assuntos de religião

1- Um jovem que opte ser padre como Helder Camara estuda para aprender o quê? Desenhe ou descreva o que um padre ou pastor pode fazer com seus estudos.

2- Muitas vezes, ao construir um templo ou uma igreja com o nome de “Igreja Nossa Senhora da Piedade”, “Igreja de São José”, “Igreja de Santa Luzia” etc., uma comunidade católica presta homenagem a um(a) santo(a), modelo de fé em vida, que se dedicou aos pobres e necessitados com práticas de amor, respeito e caridade. Descubra qual o nome da igreja mais próxima de sua casa e coloque o nome dela ou do(a) santo(a) lembrado(a): _____.

Sugestão de pesquisa para o terceiro grupo: assuntos de religião

Nas religiões não católicas também há pessoas responsáveis pela comunidade. Por exemplo:

- a) Nas igrejas evangélicas, como a luterana, presbiteriana e anglicana, qual o título do responsável? Bispo? Pastor? Padre?

Só para lembrar:

As pessoas batizadas nas igrejas cuja fé se baseia nos ensinamentos de Jesus Cristo são chamadas de “cristãs”.

Agora, com a ajuda do professor ou da família, tente responder:

- 1- Em sua opinião, qual o papel de um cidadão sendo ele religioso cristão ou não?
- a) Ajudar as pessoas quando estão muito tristes.
- b) Ajudar as pessoas desesperadas sem trabalho.
- c) Orientar crianças, jovens e adultos a encontrarem na vida um caminho que os aproxime mais de Deus.

Professor, organize os alunos em círculo e solicite que façam um relato sobre o que descobriram com a pesquisa. Peça para montarem um cartaz com as informações e os pontos mais relevantes.

Iniciando a leitura

1- Mostre o livro e permita que eles elaborem hipóteses sobre a obra. Antecipe com questionamentos o que pode estar escrito nela com o título dado e as ilustrações.

2- Faça uma leitura do primeiro parágrafo, escrito pela coordenação editorial na “orelha” da primeira capa, e desafie os alunos a interpretarem a frase: “Vivemos uma grande carência de paradigmas éticos”.

Especial Formação de Professor

3- Faça a leitura do livro com os alunos monitorando todo o processo, explorando a compreensão e seus conhecimentos linguísticos.

4- Amplie a leitura incentivando-os a buscarem o sentido das imagens que ilustram o texto. Qual seria a intenção da desenhista ao produzi-las? O que elas representam para você?

Compreensão da leitura

1- Leve os alunos a conversarem entre si. Monitore-os e procure esclarecer as dúvidas surgidas com as perguntas:

- Houve algum trecho da história que você não tenha entendido direito?
- Qual a sua opinião sobre o livro?
- O que nele chamou mais a sua atenção?
- Como você descreveria Helder Camara?

2- Podemos perceber que a obra evidencia o meio de convívio de Helder Camara. Por isso, proponha à classe que:

- Imagine e descreva a cidade onde Helder e sua família moravam.
- Imagine e descreva a cidade do Rio de Janeiro, antiga capital brasileira, onde Helder Camara morou.
- Descreva o pai e a mãe de Helder Camara.
- Procure adivinhar qual seria a profissão do senhor João Eduardo, pai de Helder.

Análise dos trechos escritos

1- Repare o que expressa o título do livro e assinale a(s) alternativa(s) que julgar correta(s) para justificar a razão pela qual os autores o escolheram:

- O comportamento de Helder era o de alguém preocupado com todas as pessoas.
- Ele era muito “ligado” nas coisas modernas do mundo.
- Preocupado com o povo brasileiro, Helder Camara resolveu sair do Brasil para denunciar as injustiças sociais.

2- Abra o livro nas páginas 8 e 9, leia o texto e depois este trecho: “Era assim que ele pensava. Achava que se cada um fizesse sua parte, ninguém ficaria prejudicado. Costumava dizer que ‘era preciso levar as pessoas no coração, porque nas costas pesavam muito’.”.

Em sua opinião, a frase de Helder Camara significa que:

- Precisamos ajudar as pessoas a construírem seus futuros.
- As pessoas podem aprender a trabalhar e, assim, progredir com quem sabe e pode ajudar.
- Nem sempre dar somente dinheiro basta para a pessoa sair da miséria.
- A esmola pode acostumar mal quem a recebe. Isso seria o mesmo que carregar o indivíduo nas costas.

3- Observe o texto e as ilustrações das páginas 4 e 5. Depois, descreva e desenhe como foi a infância de Helder Camara.

4- Nas margens do córego Pageú, brincando, Helder também construía barcos de folhas de bananeira. O que ele fazia em sua imaginação?

- Viajava para lugares distantes.
- Atravessava o mar de canoa.
- Pescava um peixe grande para dar aos vizinhos pobres.



5- Em sua opinião, o que levou Helder escolher ser padre?

- a) O fato de gostar de ajudar o próximo.
- b) Crescer com vocação religiosa.
- c) Além da vocação religiosa, apreciava ajudar o próximo e teve o importante apoio de seu pai, o senhor João.

6- Quais as idades de Helder no decurso de sua história? Descubra ligando o fato ao respectivo ano:

- | | |
|--------|--|
| 1964 • | • Morre o “profeta da esperança” |
| 1923 • | • Aos 14 anos, Helder Camara foi estudar em um seminário |
| 1909 • | • Helder nasce em Fortaleza |
| 1999 • | • Aconteceu o Golpe Militar no Brasil |

7- Qual foi o maior sonho de Helder Camara? Ser um bom carpinteiro? Um bom padre? Um grande advogado?

_____.

8- Helder Camara chegou a ser padre em que ano? _____.

9- Aos 27 anos, como padre, Helder foi morar no Rio de Janeiro. Lá, o que ele criou? _____.

10- Qual era a função da Cruzada São Sebastião? _____.

11- Unido a outros padres, Helder criou a CNBB, cuja sigla significa _____.

12- Qual o intuito de os padres terem criado a CNBB?

- a) Reunir num mesmo lugar todos os bispos brasileiros.
- b) Na CNBB, podiam decidir como melhorar a vida da população.
- c) Todas as alternativas estão corretas.



Responda as questões

1- Helder Camara se tornou bispo em qual cidade? São Paulo, Recife, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul...? _____.

2- Como bispo, Helder Camara foi mandado para Recife, no estado de Pernambuco. Lá, se tornou _____ das cidades de Olinda e Recife.

3- A ida de Helder Camara para Pernambuco aconteceu em um momento muito difícil da história do Brasil. Qual? _____.

O evento ficou conhecido como _____.

4- Como o livro *Helder Camara, um nordestino cidadão do mundo* conceitua uma “ditadura”? _____.

5- Segundo a história narrada, como foram marcados os anos políticos da Ditadura Militar? _____.

6- Todos tinham medo, muito medo de falar e de agir. Diante disso, por que dom Helder Camara se entristecia? _____.

Especial Formação de Professor

7- Dom Helder Camara sentia medo, mas não se calava. Em sua opinião, ele não se calava por ser valente? Corajoso? Carismático? _____. Ele agradava o governo brasileiro ao se comportar assim? _____. A igreja olhava para ele com confiança? _____. Helder Camara agradava as pessoas que o ouviam? _____.

8- Junto com outros padres brasileiros e latino-americanos, dom Helder construiu que igreja?

- a) Uma voltada para as pessoas carentes e excluídas da sociedade.
- b) Uma carismática.
- c) A “Igreja dos Pobres”.

9- E o que mais além dela?

- a) Uma praça para abrigar passarinhos.
- b) As Comunidades Eclesiais de Base (CEBs).
- c) Uma emissora de rádio para falar com o povo.



10- Como e por que dom Helder se tornou cidadão do mundo?

- a) Todos os meios de comunicação estavam proibidos de falar seu nome.
- b) O nosso arcebispo passou a falar — e a falar muito! — para os povos de outros países.
- c) Ele ultrapassou as fronteiras do Nordeste e do Brasil.
- d) Todas as alternativas estão corretas.

Lendo e interpretando outras linguagens

1- Observe as ilustrações da página 8 e responda: Qual sentimento elas despertam em você?

2- Como você interpreta as que estão nas páginas 10 e 11?

3- Repare nas ilustrações das páginas 12 e 13. Agora, tente descrever, desenhando ou escrevendo, o que elas representam.

4- Com as ilustrações das páginas 14 e 15, crie uma história com suas palavras. Imagine sobre o que Helder Camara estaria conversando com a garotinha.

Linguagem e gramática

Retome o texto e responda às seguintes perguntas:

1- As palavras sublinhadas no trecho ao lado estão no quadro abaixo. Marque um X na coluna referente à função de cada uma delas:

“Amar a Deus com todo o coração, e amar o semelhante como a si próprio” e “O início desse mundo está desenhado no coração da criança que sabe sonhar.”

Função das Palavras

Palavras grifadas	Verbo	Substantivo	Adjetivo
Amar			
Deus			
Coração			
Semelhante			
Mundo			
Está			
Criança			
Sonhar			

2- Encontre no dicionário e escreva no seu caderno o significado de: “cidadão”, “alargar”, “córrego”, “missa”, “egoísmo”, “seminário”, “diocesano”, “carisma”, “eclesiais” e “interferência”.

3- Reescreva a frase do seguinte trecho da narrativa mudando apenas o gênero (do masculino para o feminino): “Todos trabalhavam. Rico ou pobre, gordo ou magro, homem ou mulher, todos tinham algo a oferecer”.

Alunos em reflexão

Com base nos Parâmetros Curriculares Nacionais, podemos afirmar que é no comportamento individual ou coletivo que se manifesta a criação de valores. Nesse sentido, o professor pode explorar a questão debatendo com os alunos as formas peculiares de viver e de elaborar princípios e regras que regulam nossas atitudes.

1- Organize pequenos grupos e propicie discussão sobre ética, comprometimento, ajuda humanitária, partilha, fraternidade etc.

2- Lance as perguntas:

a) Qual o principal motivo que levou dom Helder a se dedicar aos povos e a se tornar cidadão do mundo? A obediência e o respeito ao pai? A vontade própria de praticar cidadania? Amor a Deus e determinação em fazer algo para as pessoas mais necessitadas?

b) Você conhece alguém do seu meio que também se preocupe em garantir os direitos dos cidadãos?

c) Agora, diga aos colegas quais são os seus sonhos. Ajudar as pessoas também faz parte deles?

3- Escreva um pequeno texto usando o título “Sou brasileiro, quero ser um cidadão do mundo”. Depois, leia o que você escreveu para os colegas.

Um assunto puxa o outro...

Os autores Ilvana Maria Pereira Bulla e Martinho Condini mencionam uma situação política brasileira, o golpe de 1964, que levou o Brasil a um sistema administrativo conhecido como “Ditadura Militar”. Ajude a classe a entender o que significa censura nos meios de comunicação e qual o conceito de liberdade, compaixão.

Desafio

Explique em poucas palavras o que significa “país laico”.

Sugestões para avaliação

Participação nas atividades, atendimento às propostas de trabalho, desempenho nos trabalhos em grupo e nos debates e criatividade.

Ressaltamos que as atividades aqui propostas têm por objetivo oferecer subsídios para a mediação do trabalho pedagógico com a obra *Helder Camara, um nordestino cidadão do mundo*, da PAULUS, e que não pretendem ser determinantes no trabalho desenvolvido em sala de aula, tendo em vista que somente o professor conhece as necessidades específicas de sua turma.

*Projeto Pedagógico
encartado junto com a revista*

Páginas *Abertas*



PAULUS

*Conheça outros projetos pedagógicos no site:
paulus.com.br*

Raios do olhar



Divulgação



Lá vai a tarde caindo. A pessoa caminha na grande avenida. Passos lentos, pessoa invisível. Passos lentos e a multidão correndo veloz. A vida goteja qual neblina fina, farelo do alto. Farelo caído e pisado. Nada! Lá vai a pessoa, seus olhos gotejam e são como dois barcos em águas rasas. Então um cego em voz pura, trazida dos tempos ancestrais, entoia um canto sem plateia:

*Se choro ou rio
se grito ou silencio
ou me faço tagarela
se contemplo da janela
o infinito de mim
é que digo não e sim
misturo tudo sem pureza
me deságua na lâmina fria
espelho meu em correnteza
não sou científico, sou letra viva
texto anônimo sem paga autoral
por vezes, a penitência à espera de absolvição
sou verso livre, noutra preso n'alguma rima
seja ela rica ou pobre*

*tateio na extinção
nos olhos, paixão
sentimentos no coração
se naufrago, a barca da salvação
há de me resgatar...*

A grande avenida agora é travessia aberta. Sol não há. A multidão segue com sede de água boa. Todos se movem num movimento sem ritmo. Alguns estão à toa. Dizem que muitos ali saíram do paraíso. Se expulsos ou em fuga, apenas comentam. Dizem as boas línguas que todos aspiram consolação. No entanto, ninguém revela fraqueza. Ostentam riqueza. Tristeza só no poço fundo dos segredos de cada qual.

Embora quase ninguém se olhe, alguns desfaçam um raio de olhar. Mas foge do alvo e o raio se apaga. A pessoa invisível, como é de se esperar, esta, sim, não é vista de jeito nenhum. Mas é a própria que tudo vê, tudo ouve, capta tudo, até o som dos cabelos das mulheres quando o vento frio os esvoaça. Somente ela ouve a poesia melodiosa do poeta no semáforo. Então abre bem os ouvidos e deixa as cordas do coração entrelaçarem-se de emoção, enquanto o poema se desmancha na performance ao vivo:

*Quando aquela música toca
as paredes do quarto se contorcem
então pulo a janela e monto na calda do vento
as asas invisíveis fazem voo rasante
e o corpo da vida
se liquefaz no céu da boca
fecho os olhos
o som pungente da música
penetra meus poros, meus ossos
enquanto o corpo se dissolve
procuro as partes de mim mesmo...*



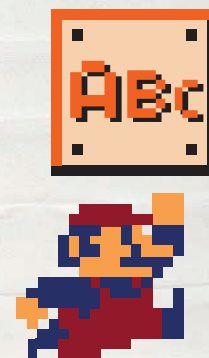
Nisso a pessoa invisível transcende a realidade, porque a vida nua e desalmada não lhe basta. Um raio de olhar, vindo de outro lugar totalmente outro, alcançou-lhe a alma. Então, como se estivesse num palco, declamou para si mesmo, com todas as cortinas abertas:

*Tal um primitivo diante da divindade
eu não consigo olhar nos seus olhos
sua face me estremece
sua voz me paralisa
por outro lado
não suporto sua ausência
vivo entre o assombro e a dependência
é inútil fugir
minhas entranhas pressentem seus passos
conto as horas não consigo ir embora
fecho e abro os olhos
de repente a garganta engasga
e apenas me entrego...*

A multidão, por sua vez, nada viu, nada ouviu, nem sentiu. Apenas seguiu o rumo de todo dia. Todos seguiram a travessia da avenida aberta.

*Antonio Iraldo Alves de Brito é jornalista, mestre em Letras, Cultura e Regionalidade. É editor de educação da PAULUS. Blog: <http://cordovento.blogspot.com>

BRINCADEIRA DE APRENDER



- **Nunca os jogos e brincadeiras foram levados tão a sério no processo de aprendizagem. O avanço da tecnologia possibilita propostas ainda mais ousadas para incrementar o modelo educacional tradicional.**
- **Mas, afinal, o que dizem os especialistas e qual é a forma mais apropriada para lidar com o tema?**

É brincadeira ou aprendizado? Quem sabe os dois. O fato é que cada vez mais os professores têm se debruçado sobre o lúdico como ferramenta de aprendizagem. O uso da tecnologia sugere novas abordagens, ou ao menos muda o cenário das aulas, desde quando começaram a trocar a lousa por projetores e, mais recentemente, cadernos por *tablets*. A partir daí, os equipamentos construídos inicialmente com o intuito de divertir e entreter passaram a ser pensados também como instrumentos de apoio ao aprendizado.

São muitas as opções. Ensinar o idioma inglês, por exemplo, já conta com *games* digitais. Se preferir, é possível aprender o alfabeto enquanto se estouram bolhas de sabão em telas coloridas clicando botões. O conceito de “gamification”, os jogos de tabuleiro e um imenso universo lúdico que se apresenta têm crescido no mercado.

Para os especialistas, o ensino rende mais quando o conteúdo transmitido se aproxima do universo dos alunos. Inegavelmente, meios digitais e *games* representam na atualidade um formato peculiar de comunicação e interação entre os estudantes, que normalmente crescem interagindo com instrumentos tecnológicos. Ficam, porém, os desafios de conteúdo, os investimentos do governo e das escolas e a capacitação digital para os professores, entre muitas outras colocações que fazem parte da premissa: afinal, o que vem por aí?

Games For Change

No final do ano passado o Brasil realizou o primeiro festival Games For Change (www.gamesforchange.org.br), a rede global pioneira na pesquisa, valorização e promoção da relação entre jogos, aprendizado e transformação social. Trata-se de uma parceria presente na América Latina

conduzida pela Cidade do Conhecimento da USP (<http://www.cidade.usp.br>), que reúne estudos em engenharia, comunicações e economia na análise crítica, experimentação e formulação de políticas públicas e inclusão digital.

De acordo com o professor da USP Gilson Schwartz, criador da Cidade do Conhecimento (USP) e curador do Games For Change, é muito forte a empolgação em escolas, universidades, áreas do governo e empresas. “Já somos a maior rede voltada ao Games For Change depois dos Estados Unidos. É a força brasileira, sintoma emergente de um milênio que deverá consagrar valores como diversidade, democracia e direitos humanos”, avalia. Para 2012, a ideia é dialogar ainda mais com as escolas e ampliar a agenda para países como Argentina, Chile, Uruguai, México, Colômbia, Costa Rica. “Em Cuba também já começaram as articulações que podem complementar o sonho de um movimento efetivamente latino-americano e não apenas brasileiro, de uso pedagógico dos jogos eletrônicos como ambientes de conscientização e mudança”, lembra Schwartz.

O constante crescimento da indústria do *game* comprova o potencial de mercado e a importância do tema. “Já se fala em ‘gamification’ do próprio mundo. Os impactos psíquicos, sociais e cognitivos dos *games* tornaram-se um dos temas de maior urgência na academia, governos e famílias. A indústria do *game* vem sistematicamente superando em tamanho de mercado e valor de faturamento o próprio segmento do cinema, em escala mundial”, confirma o professor Schwartz, coordenador de uma pesquisa liderada pelo professor Afonso Fleury (Poli/USP) e financiada pelo BNDES sobre o futuro dessa indústria no Brasil.

As empresas ligadas aos *games* atestam o crescimento do setor e se preparam cada vez mais para o diálogo com o segmento da educação. Pioneira há dez anos no mercado, a Smartkids contabiliza mais de dois milhões de usuários ativos em seu portal (www.smartkids.com.br), distribuídos em milhares de escolas em todo o País. De acordo com um dos fundadores, Edmardo Galli, sócio de Martha Bevilacqua, a empresa nasceu com o objetivo de oferecer um conteúdo lúdico-educativo, conhecido como *edutainment* americano. “Na época, esse não era um dos posicionamentos mais populares. Apresentar conteúdo apenas divertido era bem mais lucrativo”, recorda Edmardo.

Atualmente, o foco da empresa é oferecer produtos com o grau máximo de diversão e educação. Conjuguar essa fórmula exige seus desafios e a recompensa acontece quando se notam a grande utilização e a aceitação dos jogos por parte dos professores. “Os professores são a maioria dos nossos usuários e buscam ativamente um conteúdo lúdico-educativo para ajudar nas aulas, inclusive imprimindo as nossas atividades para aplicá-las em sala”, afirma Edmar-

do. “Para ser educativo não precisa ser chato; o conceito de divertido não precisa ser sinônimo de vazio, sem conteúdo. Essa é a nossa busca”, complementa.

Os professores que utilizam os serviços da Smartkids como ferramenta de apoio possuem um perfil capaz de se encaixar em escolas de todos os níveis, dos principais centros e também de regiões mais carentes. “O que tem nos deixado felizes é receber cada vez mais *e-mails* de professores de regiões muito carentes, dizendo que até pouco tempo eles não tinham nenhum conteúdo para dar aulas para as crianças. Hoje, eles já podem contar com as nossas atividades para educar”, revela Edmardo.

Com a entrada de um fundo de investimento na empresa, a Smartkids pretende lançar uma grande plataforma de conteúdo aos professores, e assim almeja se transformar, no período de dois anos, na maior plataforma didática do Brasil.

Outra empresa que está no setor há três anos e anuncia crescimento é o *site* Escola Games (<http://www.escolagames.com.br>), que lança um novo jogo a cada mês. ■►



Photoxpress

Gratuito, o portal não necessita que o usuário se cadastre para jogar, basta acessar e começar as partidas.

A principal diretriz da empresa é que os jogos se tornem úteis na educação das crianças e que sejam simples e atemporais, aptos a fazerem a parte lúdica envolver o estudante. “Creio que a criança, já bem cedo, sempre encontra mais estímulo para usar o computador. Desde pequena ela vê os pais usando e quer usar também. Queremos que os pequenos saibam produzir conteúdo e não sejam apenas consumidores das coisas. Por isso é importante desenvolverem outras atividades, não ficarem apenas nos jogos diante do computador. Também acho lousa, caderno, esportes e muitos outros exercícios importantes. Agora, tudo o que é feito em excesso pode prejudicar”, ressalta Leopoldo Xavier, responsável pelo site Escola Games, mantido pela empresa Núcleo Tecnologia da Informação, de Uberlândia, Minas Gerais.

Os jogos do Escola Games estão divididos por áreas, como português, matemática, geografia, história, conhecimentos gerais, entre outras. Além disso, também estão organizados por níveis: o 1 é para os que ainda não sabem ler; o 2, para quem precisa ler para resolver as questões; e o 3 envolve informações mais apuradas, como completar sentenças e palavras.

Um dos jogos mais acessados é a “Tabuada do Dino”. Conforme for acertando os resultados matemáticos, a criança passa para uma nova tela e depois consegue controlar o amigo dinossauro em um jogo que lembra o do famoso personagem Mario Bros.

Avance uma casa no tabuleiro

Aprender com jogos nem sempre significa utilizar os famosos formatos digitais. Embora ainda em desenvolvimento no Brasil — quando comparados aos países europeus e Estados Unidos —, os chamados jogos de tabuleiro também estão presentes por aqui, e há muito tempo.

Tais instrumentos, com apresentações de menor apelo se levadas em conta as constantes renovações tecnológicas, também trabalham a criatividade e a imaginação. “Jogos e brinquedos têm o potencial enorme de transmitir informações e conceitos de maneira direta e indireta. O melhor é que o processo de transmissão desse conhecimento é feito ludicamente, sem o peso da comunicação formal do livro ou do quadro-negro. Isso torna os jogos de tabuleiro uma ferramenta com enorme potencial para atrair a atenção dos alunos, principalmente dos jovens”, explica Thiago Brito, engenheiro de jogos da Galápagos (www.galapagosjogos.com.br).

O objetivo da empresa é criar alternativas de entretenimento que fujam do ambiente digital e tragam crianças, jovens e adultos para um convívio direto, de muita interação, troca de ideias e diversão. Para tanto, a Galápagos atua na criação de jogos próprios para o mercado e também especificamente para as empresas.

Entre os destaques está o jogo “Reciclando”, desenvolvido a partir de uma iniciativa da WWF Brasil com associações de catadores de rua em todo o País. A proposta aborda a reciclagem, qualifica e esclarece o papel e a importância dos catadores na sociedade. A princípio foi desenvolvido para catadores, mostrando como funciona o processo em que eles estão inseridos, a importância de se organizarem em cooperativas e de possuírem planejamento financeiro. Mas... como concorrer com o apelo das novas tecnologias em telas coloridas e em três dimensões?

“É uma concorrência duríssima. O número de jogos digitais tem expansão exponencial e a uma velocidade de renovação incrível, impossível de ser acompanhada pelos de tabuleiro”, reforça Brito. E completa: “Entretanto, acreditamos que exista também uma tendência que vai contra o digital. O nosso lema é: ‘desconectar para conectar’. Ou seja, desconectar as pessoas do mundo para conectá-las diretamente ao mundo real”. De acordo com a empresa, muitos pais e até as próprias crianças e jovens estão cientes da necessidade de desenvolver habilidades longe dos computadores, como comunicação pessoal, relacionamento, trabalho em equipe, negociação, educação. “Tudo isso está presente no universo dos jogos de tabuleiro. É para desenvolver essa ‘alternativa à prisão digital’ que a Galápagos trabalha”, revela Brito.



Jogo “Reciclando” / Divulgação

Milhões de cliques

Com dez anos de atuação, a Smartkids possui uma comunidade de quase dois milhões de usuários ativos e seu conteúdo é utilizado em milhares de escolas.

Já o site Escola Games está há três anos no mercado e revela que chegou a ter entre 20 e 30 mil acessos por dia. Só em outubro de 2011, por exemplo, alcançou a marca de 700 mil visitas, sendo cerca de oito mil delas vindas de Portugal. No Brasil, o predomínio de cliques está concentrado na região sudeste.



Divulgação

Vilões digitais?

De forma geral, os jogos digitais foram tratados durante muito tempo como verdadeiros inimigos do âmbito escolar. Tempos atrás, havia grande embate entre escola e jogos. Alguns dos motivos talvez permaneçam até hoje, seja por causa dos jogos violentos que envolvem armas e lutas, seja porque tomam tempo demais dos jovens, podendo causar algum tipo de dependência e roubar o tempo de outros exercícios considerados mais saudáveis. Conflitos à parte, o tempo mostrou que tanto a indústria dos *games* quanto a pedagogia podem contabilizar, juntos, benefícios durante o processo de aprendizagem, sobretudo entre as crianças em fase de alfabetização.

Algumas vantagens dos instrumentos digitais se fundamentam no apelo de sua plataforma de aprendizagem, composta de sons, telas e teclas coloridas que desde muito cedo já são comuns e desejadas pela maioria das crianças. Misturado à curiosidade, esse tipo de interação é colocado muitas vezes como um desafio, formato que garante a atenção e o interesse constante delas.

Wanderley Wang, matemático licenciado pela USP e mestre em Engenharia da Computação pelo Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT), atua há quase 30 anos no segmento da tecnologia da informação e também mantém um *site* sobre família e educação. De acordo com ele, deixando de lado a questão da inclusão digital, o grande desafio da escola está em adaptar seus métodos de ensino para atender um perfil de aluno que já traz de casa grande bagagem de conhecimentos. “É comum ver crianças com pouco mais de um ano de idade já mexerem com desenvoltura em celulares, computadores e, sozinhas, escolherem um jogo, vídeo ou montarem quebra-cabeças nesses aparelhos. Grande parte das que tem entre 4 e 5 anos já assistiu a mais de 5 mil horas de televisão, obtendo informações sobre os mais variados assuntos. Muitos educadores apon-

tam: esse é um dos motivos que explica porque as crianças de hoje em dia se sentem pouco motivadas ao assistir uma aula expositiva tradicional”, opina.

Outro ponto abordado por Wang repousa na própria escola, no desafio que as instituições vão encontrar para aprimorar as habilidades dos alunos. A demanda inclui a capacidade de conduzir pesquisas de forma independente, pensar de maneira crítica, resolver problemas, usar a tecnologia para se comunicar, colaborar e atuar enquanto produtores e criadores de conteúdo digital, e não como mais um punhado de consumidores. “Na prática, não vejo os jogos educativos como solução para todos esses desafios. Mas dado o seu potencial, penso que podem, sim, ser parte da solução”, avalia Wang. Segundo ele, ainda não se obteve uma fórmula de sucesso para criar jogos educativos tão atrativos quanto os comerciais, que visam apenas o entretenimento. “Também não há jogo que substitua a figura do professor, nem que contenha todo o conteúdo programático sobre determinado assunto ou, ainda, que agrade e motive todos os tipos de aluno. Estudos mostram, por exemplo, meninas preferirem jogos diferentes dos meninos”, conta Wang. Há os que reforçam o conhecimento aprendido, expandem o que o professor ensinou e fixam conceitos. Outros são apropriados para permitir o aluno fazer simulações e experimentações. “Alguns *softwares*, como Game Maker, Stagecast Creator e Spore, permitem os alunos criarem seus próprios jogos de maneira relativamente fácil (para computadores, *Web* ou *smartphones*) e em diversos estilos. Gayle Britt, uma educadora da Califórnia, utiliza o Stagecast Creator em sala e permite aos alunos criarem jogos sobre matemática, leitura, ciências e outros assuntos. Na Holanda e nos Estados Unidos existem até competições entre estudantes que criaram jogos educativos”, aponta Wang. ■►

De acordo com o professor Gilson Schwartz, cada vez mais aumenta o número de *blogs*, acadêmicos ou especializados, sobre tecnologia e educação. Ele acredita que o próximo passo seja conseguir formar uma visão ampla dessa relação tão mutável com o tempo. “Um desafio importante é ir além da tecnologia, para pensar e também avaliar a relação entre aprendizagem e cultura. Em especial com o tema sempre presente, fruto da relação entre conhecimento, alegria, prazer, descoberta, educação, interação, críticas abertas. Os *games* surgem conforme percebemos o potencial de recorrer às novas tecnologias para desenvolver práticas pedagógicas capazes de combinar o pensar, o fazer e o brincar”, diz Schwartz.



Divulgação

Arquitetura dos jogos

Para saber um pouco mais sobre o mercado da criação de jogos e sua influência na educação, conversamos com o professor Delmar Galisi, coordenador do curso de Design de Games da Universidade Anhembi Morumbi, em São Paulo (SP). De acordo com ele, alguns ramos ainda não notaram o potencial econômico dos jogos educativos. Acompanhe a entrevista a seguir.

Como o senhor avalia o segmento de jogos educativos hoje? Quais são as perspectivas?

É difícil mensurar, pois muitos deles são produzidos por encomenda, por interesse específico de uma escola. Jogos educativos precisam de profissionais específicos da educação; e não há tanta liberdade de criação quanto há na hora de fazer jogos voltados para o entretenimento. Existe muito preconceito por boa parte das escolas com os *games*, vistos como meios dispersivos que, em vez de ajudar, atrapalham a aprendizagem. Outro fator a considerar é que muitas vezes o conteúdo narrado em um jogo não possui a abordagem desejada pela escola. Infelizmente, as empresas ainda não notaram o potencial econômico do jogo educativo, e uma parcela do ramo de educação ainda não entendeu seu potencial como meio de aprendizagem.

Como está esse mercado de trabalho atualmente?

O mercado para o profissional que quer trabalhar especificamente com jogos educativos ainda não está disseminado. Em geral, a proposta de desenvolvê-los parte do interesse específico de uma escola. No Brasil, há poucas empresas dedicadas a esse empreendimento. Por outro lado, percebe-se grande interesse das universidades em pesquisar tal assunto. O profissional interessado em enveredar por esta área poderia procurar centros de pesquisa, pois lá tem mais chance de atuação.

Como funciona o diálogo entre quem cria os jogos (parte visual e tecnológica), a pedagogia e os professores?

Notam-se dificuldades neste diálogo. Os profissionais de educação querem enfatizar o processo de ensino e aprendizagem; os de jogos, o entretenimento. Já ouvi alguns voltados para *games* afirmarem que não há solução, pois as duas áreas se confrontam: uma é séria e a outra diverte (como se a educação não pudesse ser divertida...). De qualquer forma, surgem desafios. O jogo possui uma forma de contar história diferente da narrativa dos educadores. O fluxo é

distinto. O problema, a meu ver, é querer ensinar um conteúdo de um modo tradicional em uma mídia que possui outra constituição. É possível aprender matemática com jogos lógicos sem a necessidade de se explicar o conteúdo da mesma forma que acontece numa sala de aula. Gosto de citar um jogo antigo chamado SimLife. Com ele aprendi muito sobre biologia, mesmo sem ter textos explicativos. No fundo, professor e jogo se complementam.

Qual avaliação o senhor faz do tema tecnologia nos processos atuais de ensino, sobretudo em jogos educativos? Ajuda o aprendizado? Existem experiências práticas?

A tecnologia contribui muito com o ensino, seja pelo uso do computador com *data show*, seja pelos ambientes virtuais que propiciam fóruns e grupos de discussão. De qualquer forma, nem todos têm acesso a isso. No caso dos jogos educativos, há escolas que os utilizam em seus laboratórios de informática. Eles ajudam, evidentemente, mas não tenho muitos dados para afirmar como eles têm complementado os estudos e se os professores tutores têm tido preparo para utilizá-los. Afinal, não basta fazer o aluno jogar um *game* se ele não tiver uma proposta pedagógica que complemente a atividade. Esse é um ponto importante.

Jogos na escola

A professora Aleta Adriana Bortowski, da Escola Giordano Bruno, em São Paulo (SP), utiliza uma experiência lúdica ao ensinar matemática para as turmas de 5º ano. O objetivo é desenvolver o raciocínio lógico por meio da brincadeira. “Não pretendo fazer comparações ou desmerecer as alternativas eletrônicas atuais, mas, sim, resgatar a nossa herança cultural por meio dos jogos de mesa, que há tanto tempo divertem e ensinam gerações. Com eles, desenvolvo meus objetivos na matemática”, lembra a professora.

Os próprios alunos fizeram uma lista de jogos que deveriam trazer quinzenalmente: dama, xadrez, Banco Imobiliário, *War*, baralho e dominó. Na primeira etapa, eles utilizaram dominó. Posteriormente, ocorreram rodadas com outros jogos. Questões como o total de peças, quantos e quais números apareceram, quantas vezes saiu cada número, peças com o mesmo número, entre outras, foram discutidas pelos grupos. Em seguida, os estudantes começaram a jogar pensando e anotando as estratégias, que seriam comentadas quando as experiências fossem relatadas.

Entre as etapas do projeto foram exercitados jogos livres, de estratégia, em duplas e inclusão do raciocínio lógi-

co em contrapartida à sorte. Em seguida, com a classe organizada em grupo, foi proposta a elaboração de um jogo de estratégia no qual os estudantes criaram o nome, o tipo (perguntas e respostas, tabuleiro etc.), as regras e até uma embalagem para ele. O prazo das atividades varia conforme o enfoque desejado pelo professor, mas pode ocupar de um a dois semestres letivos.

Outra experiência em sala foi apresentada pela professora Renata Monteiro para o 5º ano do ensino fundamental do Colégio Pio XII, em São Paulo (SP). Trata-se de um projeto de jogo de tabuleiro intitulado “Forma e Cores”, que representa uma batalha pela expansão territorial. Nele, o aluno precisa defender o território que demarcou e se expandir pelo o do seu oponente. O objetivo é compreender a necessidade de planejamento e gerenciamento em situações cujos recursos são limitados, perceber o espaço, orientar-se e entender uma situação-problema.

As dificuldades previstas consideram a jogada individual e a do oponente, além do desafio de perceber todas as possibilidades do tabuleiro. Para tanto, foram recomendadas como estratégias de solução a busca sistemática, a releitura das informações e o uso de material concreto quando necessário, sempre equilibradamente. É o vencedor quem ficar com o menor número de quadrados das peças que não puderam ser colocadas no tabuleiro.

“Ao analisar as jogadas, observei que a maior dificuldade dos alunos está em não perceber a jogada de seus oponentes. Quem domina o centro do tabuleiro tem mais possibilidades que os demais jogadores”, lembra a professora Renata. Entre as questões a serem trabalhadas estava a possibilidade de se considerar o espaço disponível no tabuleiro como forma de recursos para gerenciar. Três condições foram levadas em conta: intencionalidade/reciprocidade, transcendência e significado.



Divulgação

Escolher sempre o melhor



Divulgação

Muitos se fiam em um conhecido ditado popular que diz: “querer é poder”. Contudo, duas perguntas podem ser feitas neste momento: qual é o querer que move o ser humano? E que tipo de poder ele deseja?

O homem pode ser compreendido de muitas maneiras. Quanto mais se alarga a compreensão que se tem dele, mais se percebe que muito pouco se conhece sobre ele. Idealmente, cada pessoa é chamada à plena realização, entretanto, a maioria dos homens e mulheres ao redor do mundo vive sem saber o que é essa tal realização. A vida, nessa perspectiva, ganha contornos opacos e nada estimulantes. O que fazer para reverter a situação? Se simplesmente o mundo fosse dividido entre pessoas que têm vida minimamente digna e aquelas que vivem à margem dessa dignidade, ingenuamente seriam elencadas justificativas para se falar da ascensão de uns e da estagnação de outros. Mas a vida não acontece de maneira tão previsível e regular assim. Surpresas aparecem. Se os elementos externos contam, con-

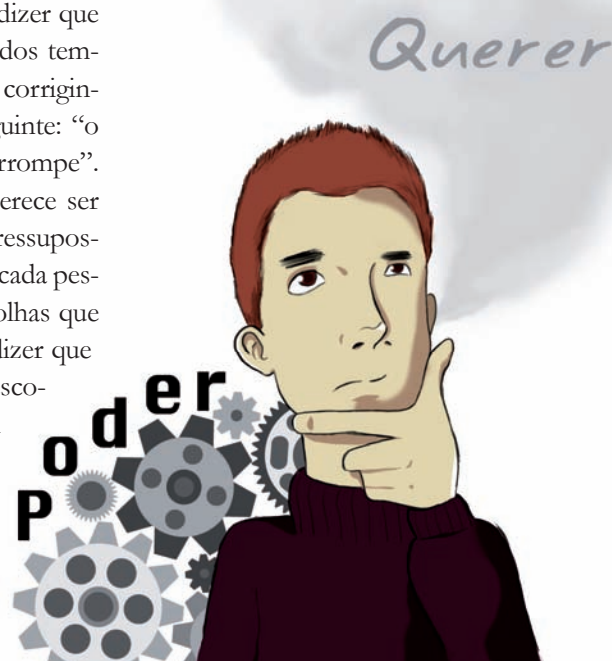
tam também os internos, aqueles que desinstalam homens e mulheres e os fazem seguir adiante em busca da superação. Uma pergunta fundamental: o que *eu quero*? Se não for definido o que se *quer*, é impossível se preparar para percorrer o caminho a ser alcançado. Não basta simplesmente saber o que se *quer*, mas com que *intensidade* se quer. Somente o querer intensamente será capaz de projetar o ser humano para além dos limites de si próprio e fazê-lo conquistar novos horizontes. Geralmente, quem não sabe o que quer fica se lamentando das condições desfavoráveis circundantes ou apontando criticamente para a vida fácil e privilegiada dos outros. Nem a primeira nem a segunda situação ajudam em nada quem almeja a realização. Sem um querer forte e equilibrado, poder nenhum será conseguido.

Infelizmente, na sociedade em que vive o ser humano, poder, habitualmente, relaciona-se com dinheiro, fama e dominação. Para que não se comprometa a verdade, vale dizer que essa relação não é privilégio dos tempos modernos. Dizia alguém, corrigindo um ditado popular, o seguinte: “o poder revela; o poder não corrompe”. Certamente essa correção merece ser considerada, pois parte do pressuposto que, embora possa mudar, cada pessoa é em sua essência as escolhas que faz. Sem dúvida alguns vão dizer que há quem não tem direito à escolha. Sim! Muitos e muitas têm diante de si um leque de possibilidades muito restrito. Todavia, é também dentro dessa restrição que o ser humano é chamado

a esgueirar-se e encontrar rotas que o “empoderem”, ou seja, que o façam alcançar o ápice da sua vocação: a relação de *ser* humano plenamente. Falar sobre essa questão pode cair na esfera do romantismo barato e doce; contudo, as grandes mudanças e transformações começam com sonhos modestos e legítimos. Quem nunca pensou em tornar o mundo melhor? O poder da escolha está nas mãos de cada um. E para cada escolha feita, as consequências inevitavelmente se apresentam.

O poder de que o mundo precisa, para além de qualquer crítica romântica, é o do respeito que pode, por meio de escolhas acertadas e por vezes difíceis e custosas, mudar o cenário no qual o homem está imerso.

*Alexandre Carvalho é coordenador do editorial infanto-juvenil da PAULUS. E-mail: infantojuvenil@paulus.com.br



Uma senhora revista!

nº 50

Em sua nova fase, *Páginas Abertas* completa 50 números e aproveita para relembrar um pouco de sua história. O projeto só se tornou realidade graças à contribuição iniciada nos anos 70, quando a publicação começou a ser veiculada.

Conta a história que foi perto dos anos 70 que ela nasceu. No princípio, tratava-se de uma revista estreita, miúda, que trazia os lançamentos da PAULUS juntamente com alguns capítulos e artigos. O objetivo era apresentar os novos livros que chegariam ao mercado. “Naquele período, em todos os números havia uma obra em destaque, e dela se apresentava um capítulo como ‘amostra’ do conteúdo”, lembra Abramo Parmeggiani.

A ideia da publicação brasileira nasceu sob influência da revista *Pagine Aperte*, editada até hoje pela San Paolo (PAULUS da Itália). O nome foi traduzido para o português e se manteve. A revista italiana continua a existir, enfocando o Marketing da editora e seus lançamentos. Já a sua versão brasileira seguiu por caminhos próprios, se aproximando cada vez mais do segmento educacional.

Na primeira fase de *Páginas Abertas*, seu formato se aproximava dos 10 cm x 18 cm da original italiana e a impressão era realizada em duas cores: preto e vermelho. “A publicação tinha 24 páginas e as edições eram mensais”, conta Vittorio Saraceno, responsável por fazer os primeiros exemplares. Ele relembra que a gráfica utilizava chumbo no processo, e as ilustrações eram acrescentadas conforme a montagem da revista. Outra curiosidade era a inclusão de vinhetas de humor, como piadas traduzidas por ele mesmo a partir do original italiano, para preencher espaços.

A ideia avançou para outro formato e com o passar do tempo, a PAULUS – em seu constante diálogo com o ramo educacional – percebeu que havia certa carência e uma lacuna para os professores trocarem e debaterem experiências. Imbuída da sua vocação de difundir conhecimento, a editora arregaçou as mangas e desde então oferece um precioso espaço para quem lida com a aprendizagem. Mais que isso, a revista passou a contar com colaboradores, artigos, entrevistas, didáticas e opiniões de quem realmente vivencia de perto o gigante desafio de ensinar.

Em sintonia com as renovações tecnológicas, hoje o projeto

é totalmente colorido, no formato 21 cm x 27,5 cm, trimestral, 40 páginas e tiragem de 21 mil exemplares. “A revista *Páginas Abertas*, na última década, mudou o foco editorial, passando a ser destinada ao ensino. A contribuição que ela dá é formar os professores, ajudando na árdua missão de educar. Os artigos são sempre pertinentes e visam capacitar melhor o educador”, explica o diretor presidente da PAULUS, Valdecir Antônio Conte.

Em sua linha editorial, a revista se aproximou cada vez mais do tema educação. O objetivo foi manter o enfoque muito claro e definido, abrindo diálogo com o professor para debater sistemas e experiências no âmbito da aprendizagem. Neste contexto, criou-se um suplemento especial chamado “Formação de Professor”, que funciona como um plano de aula para determinado e pertinente assunto, escrito por profissionais da área em questão. Além disso, a prática pedagógica também está presente na coluna “Sala de Aula”, quando um professor de algum lugar do Brasil revela determinada proposta e conta como a realizou. O espaço também traz o material utilizado e os frutos da prática, para que a sua experiência seja compartilhada com os outros leitores. É este o propósito atual da revista: dividir, trocar, somar, multiplicar o conhecimento, debater propostas educativas e apresentar materiais que contribuam com a missão de educar, como livros, CDs, DVDs. Para o futuro, a ideia é continuar avançando. “Vamos buscar sempre atender às necessidades dos educadores e aperfeiçoar a parte visual, que contribui muito para a leitura de *Páginas Abertas*”, sinaliza Valdecir Conte.

Além de sempre procurar formas de reforçar o conceito de educação e das práticas didáticas, a revista também apoia o Simpósio de Educação PAULUS, que acontece anualmente. O evento, já em sua 7ª edição, ocorrerá em 31 de maio, reunindo grandes especialistas da área. O objetivo é promover intensa reflexão no segmento e ajudar na construção de uma educação de melhor qualidade. *Páginas Abertas* publica a cobertura do simpósio e os artigos dos especialistas na íntegra, em uma edição especial. ■▶

História

Por dentro das páginas

A revista tem, hoje, um formato que foi estipulado conforme o passar dos anos, a vivência prática de muitas experiências anteriores e o toque de cada profissional que trabalhou com o produto.

Algumas seções fixas foram criadas e mantidas de acordo com as opiniões dos leitores, como é o caso da coluna “Entrevista”. Nela, um profissional da área aborda a sua experiência e a relaciona com a prática do ensino e da aprendizagem.

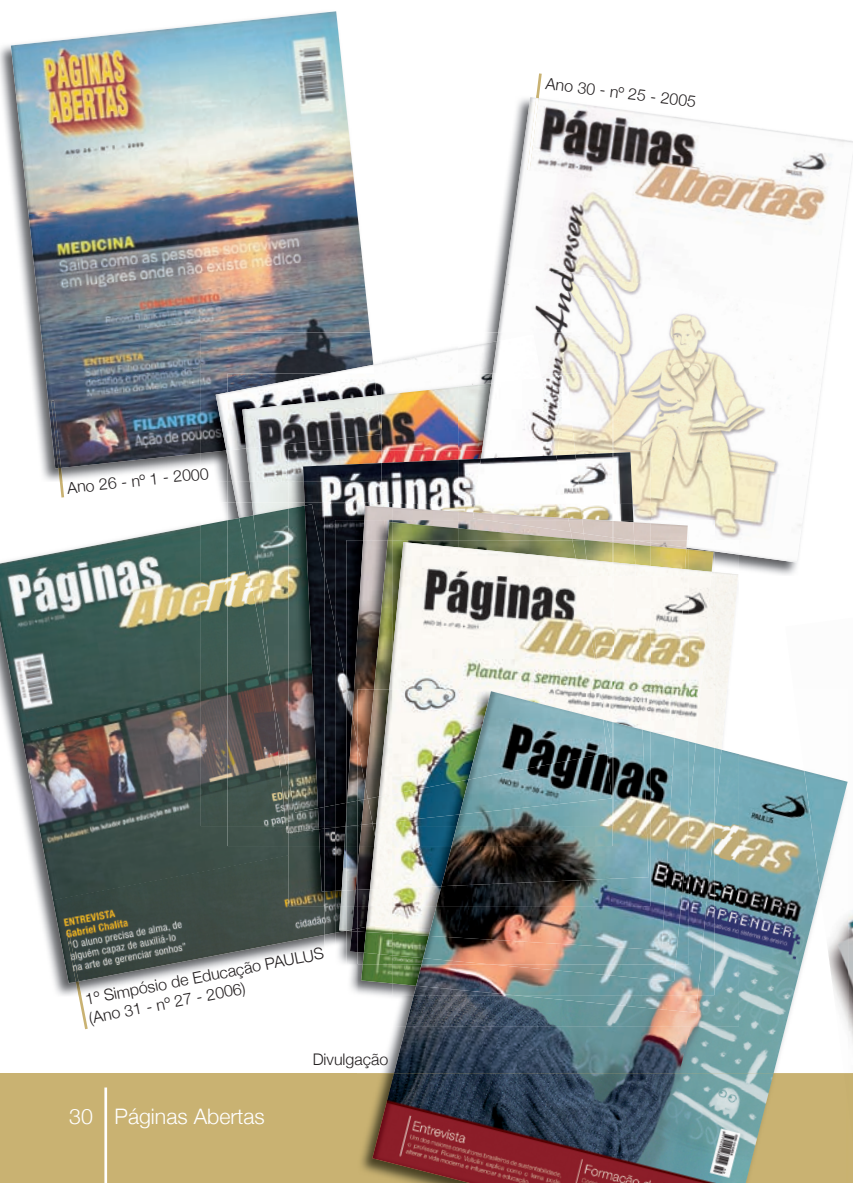
Na parte considerada prática, está o “Especial Formação de Professor”. O encarte enfoca uma abordagem e a disponibiliza ao professor por meio de determinada obra da PAULUS. São sugeridas justificativas, objetivos e indicações de como usar tal assunto em sala de aula, além de estarem previstas diversas atividades e exercícios para se realizar com a classe, ou mesmo fora dela. Para terminar, há metodologias para a avaliação (individuais ou em grupo) e indicações de livros, *sites* ou mesmo locais para se visitar com os alunos.

A coluna “Sala de Aula” também procura explicar ao pro-

fessor, de forma resumida e pontual, determinada prática utilizada com a classe para se ensinar algum ponto relevante. Suas duas páginas trazem um breve relato prático de certa aula ou aulas realizadas. É escrita por professores de todo o País, que descrevem desde a escolha do tema, os objetivos, o formato de abordagem, a avaliação e as percepções dos estudantes até os materiais suplementares.

Durante toda a sua história, *Páginas Abertas* sempre contou com um time muito especial de voluntários e colaboradores, que, a seu modo, deram mais brilho e informação em cada número. A lista é imensa e longa, e os agradecimentos em nome dos colunistas atuais se estendem a todas as contribuições.

Em 2012, a revista ganhou o apoio dos seguintes colunistas: Mario Sergio Cortella, Douglas Tufano, Alexandre Carvalho (que este ano substituiu Claudiano Avelino dos Santos, professor e filósofo) e Antonio Iraldo Alves de Brito. Ao empenho deles, soma-se também o trabalho de uma dedicada equipe que inclui *designers*, revisão gramatical e ortográfica, gráfica, assinaturas, divulgadores etc.



“Para nós, educadores, a *Páginas Abertas* é uma poderosa ferramenta de trabalho, com uma valiosíssima contribuição para a área educacional. Na Escola Raízes, faço uso das maravilhosas reportagens na produção do nosso Informativo Educacional. Parabéns pelo bom empenho a favor da educação.”
Carmelita A. Campos
Coordenadora pedagógica da Escola Raízes
São Paulo (SP)

Entrevista com Heródoto Barbeiro
(Ano 36 - nº 48 - 2011)



Por falar em colaboradores, o educador Mario Sergio Cortella, que assina a coluna “Filosofia”, teceu alguns comentários sobre a revista:

“*Páginas Abertas* amplia reflexões, dissemina percepções, partilha indagações, sugere caminhos e acolhe diversidades; por isso, participar dessa empreitada eleva a reciprocidade. Docentes são “profissionais amadores”, isto é, nossa profissão exige amorosidade e a consciência de não estarmos nunca concluídos. Toda iniciativa que apoia nossa fonte amorosa e entende nosso alegre amorosismo (sem admitir inércia) vale, e muito!”

“A revista *Páginas Abertas* representa um marco na educação brasileira. Publicação de alta qualidade, importante instrumento de aprimoramento para professores e profissionais da área. Parabéns e sucesso.”

Professor José Carlos Pomarico
Colégio Joana D’Arc – São Paulo (SP)

“A *Páginas Abertas* tem contribuído de modo significativo em nossas reflexões sobre as mais diversas questões da educação. Parabéns a PAULUS e a toda a equipe.”

Nivaldo Canova
Diretor do Colégio Giordano Bruno
São Paulo (SP)

O professor Douglas Tufano também escreveu um breve depoimento relatando sua experiência em colaborar com a publicação:

“Escrevo para a *Páginas Abertas* desde 2003. O convite para colaborar surgiu quando eu estava lançando o livro *Questões éticas em Machado de Assis*, uma coletânea de contos com roteiros para debates em sala de aula. Essa foi a minha primeira obra lançada pela PAULUS. Depois dessa vieram outras, como *Meu primeiro dicionário – Dicionário infantil pedagógico*; *Literatura e gramática – Curso completo*; e *O Modernismo – Literatura brasileira (1922-1945)*.

Este, na verdade, foi o começo da minha ligação com a PAULUS, pois comecei e continuo a fazer vários trabalhos didáticos e paradidáticos na área de literatura. Preparei as edições didáticas da coleção dos clássicos brasileiros e, junto com minha filha Renata, tenho feito adaptações de algumas obras da literatura universal para a coleção *Encontro com os Clássicos*. Enfim, já são oito anos de uma parceria e, principalmente, de uma amizade enriquecedoras.

Escrever crônicas para a revista é sempre um prazer, porque é meu momento privilegiado em que posso conversar com milhares de educadores e leitores. Receber *e-mails* com comentários sobre o que escrevi é realmente muito gratificante, pois significa que estou atingindo meu objetivo: trocar ideias sobre educação e partilhar experiências. Sou professor de português e literatura há 40 anos, por isso o contato com os leitores, ainda que indireto, sempre me oferece novas oportunidades de aprendizagem.

Os textos nascem dessa experiência de quatro décadas em

sala de aula. São reflexões sobre o dia a dia do professor, o relacionamento com os alunos, as dúvidas e dificuldades todas que surgem às vezes quando começo a trabalhar com uma turma nova. Meus escritos são uma espécie de conversa com os educadores, um bate-papo informal que fecha a revista.

Páginas Abertas é, hoje, um marco nas publicações de apoio pedagógico. Sinto como ela é importante pelos comentários que ouço nas escolas quando vou fazer palestras. Trata-se de uma revista visualmente atraente, com ótimas reportagens e assuntos pertinentes ao cotidiano escolar. Os professores, de fato, sentem que têm em mãos um bom auxiliar para seu trabalho didático. E uma revista desse tipo não fica 50 números em cartaz se não for realmente útil — e olha que muita coisa mudou na educação brasileira nesses últimos anos! Felizmente, a revista acompanhou as mudanças, manteve-se atualizada e continua a servir de suporte e inspiração para muitos.

Com tantos problemas e desafios a serem superados, a educação brasileira precisa de sugestões e orientações didáticas como as que a revista oferece. Apesar dos problemas imensos da nossa realidade educacional, tenho esperança em dias melhores. Sei que há muita gente desanimada, mas sei também que muitos ainda lutam por uma educação melhor, comprometidos efetivamente com o desenvolvimento dos alunos que se dedicam seriamente às aulas. São esses que fazem a diferença. E é por eles e para eles que a revista existe.

Por uma abordagem ecológica e plural da comunicação



Depois de apresentar um panorama da era da mobilidade em *Linguagens líquidas*, Lucia Santaella realiza um hercúleo esforço para esboçar uma ecologia das mídias em *A ecologia pluralista da comunicação*. Nele, a autora observa os processos sociotécnicos sem cair no determinismo tecnológico e apoia-se em pensadores clássicos para dar conta de temas atuais como pós-humanismo (Heidegger), hibridismo (Merlin Donald) e subjetividade encarnada (Merleau-Ponty). Para o leitor que deseja conhecer de forma aprofundada conceitos tão complexos, Santaella apresenta inúmeras referências e contextualiza o debate. Também pontua as incertezas da comunicação baseando-se na semiótica da vagueza (Peirce). Nesse sentido, ela realiza a apreensão de novos fenômenos comunicacionais sem se deixar “ofuscar pelas fosforescências do presente” (p. 19).

Para resenhar esta obra — que, nunca é demais lembrar, foi indicada para o 53º Prêmio Jabuti na categoria “Comunicação”, em 2011 —, preferi seguir uma abordagem ecológica. Por essa razão, ao invés de esboçar sequencialmente as ideias principais dos dezenove capítulos, optei por entrecruzá-las a partir dos eixos conectividade, mobilidade e ubiquidade.

Conectividade: da obsolescência do ciberespaço aos espaços intersticiais

Tem sido recorrente encontrar pesquisadores que preconizam o fim do ciberespaço. Afinal, o tipo de conexão provida pela portabilidade dos novos *gadgets* (*smartphones*, *iPads*, *tablets*) faculta mobilidade e dilui a fronteira de acesso entre *on* e *off-line*. Santaella, entretanto, entende que a metáfora do ciberespaço é ainda “suficientemente sugestiva para abrigar o universo em evidente evolução das redes e dos usos que podem ser feitos delas” (p. 88). O gigantismo dos dados que compõem a realidade intangível

das nuvens computacionais e contribuem para uma nova economia da atenção aponta para um fenômeno que, em vez de “morto”, tem modelado novas formas de engajamento. A questão do controle, implícita no prefixo *ciber-*, nunca se fez tão presente quanto agora, em que os indivíduos conectados podem ser rastreados mesmo quando estão em movimento pelo território. A convergência de tecnologias e linguagens fomenta a discussão sobre a (in) distinção entre lugar e espaço, trazendo à tona a realidade dos espaços intersticiais ou híbridos e dos ambientes pervasivos. Conforme Santaella: “Enfim, o ciberespaço está agora mais presente do que nunca, tão presente a um simples toque de dedos em levíssimos dispositivos sempre na palma de nossas mãos, que nem sequer nos damos conta de estarmos ao mesmo tempo no ciberespaço e fora dele, pisando o chão e simultaneamente ubíquos, viajando, pousando, entrando e saindo de espaços de informação e de comunicação à mesma velocidade com que nossos olhos piscam” (p. 89).

Mobilidade: aspectos éticos, estéticos e políticos

A ecologia pluralista das mídias móveis e locativas fatalmente evoca novos dilemas para os quais fórmulas clássicas (como a moral kantiana) não se mostram suficientes ou adequadas. O ciberespaço, desde a *Web 1.0*, demonstra forte vocação para a formação de espaços de socialização (ou comunidades virtuais). Mas, na medida em que tudo é líquido, inclusive a subjetividade, e os espaços não se fixam, fica realmente muito difícil determinar e fazer cumprir normas de conduta e convívio. Os contextos de conversação são móveis, atópicos e emergentes; a alteridade apresenta-se sempre *under construction*, por vezes vestida do anonimato que faculta desde a bisbilhotice até a perpetuação de crimes diversos. Por essa razão, Santaella lembra que as redes sociais, embora gozem de confiança, constituem “ambientes turbulentos, vertiginosos, rebeldes a regulamentações e controles centralizados” (p. 321). Cabe lembrar também que nelas impera a vigilância por rastreamento que indexa grandes volumes em tempo real, tornando tudo e todos visíveis para os mais variados fins. O fenômeno, que traz em seu bojo a questão da privacidade, é complexo e ambíguo: há um aumento significativo de situações em que os dados pessoais são extraídos sem permissão prévia, ao passo em que o espetáculo da visibilidade — ser e estar visível — tem sido cada vez mais apreciado por cada um de nós.

Por outro lado, experimentações artísticas e novas formas de organização política apontam para uma “ética da curiosidade e da liberação das amarras do pré-instituído” (p.172) que incita Santaella a “relativizar as teorias cujo pessimismo monolítico cobriu o ciberespaço e a cultura digital com premonições negras sobre a obsolescência do corpo, o colapso dos espaços geográficos e a inexorável perda de significados do passo da vida” (p. 181).

Ubiquidade: corpos, imagens e objetos

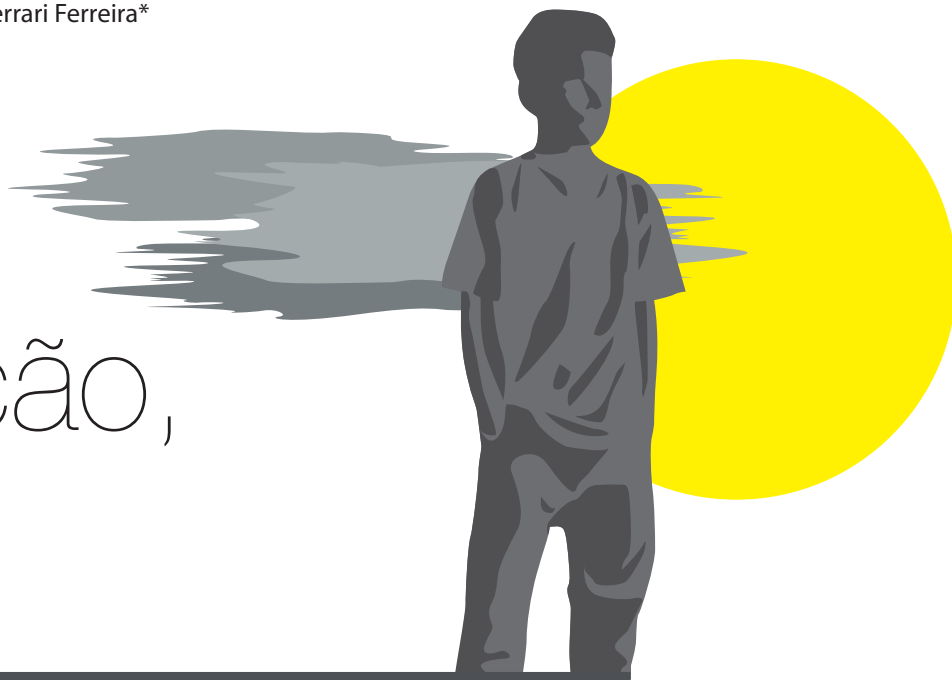
No eixo da ubiquidade, característica inerente a tudo o que, graças à conectividade em rede e a despeito da mobilidade, consegue tornar-se presente em múltiplos lugares ao mesmo tempo, urgem problemáticas relacionadas ao corpo e às representações imagéticas por meio das quais os indivíduos manifestam sua vontade e projetam sua subjetividade nas redes. Para Santaella, abordagens dualistas não cabem

mais, na medida em que a crescente presença de mídias móveis “contribuiu para intensificar todas as intersecções do corpo com as mídias que já existiam em potência” (p. 208). A antropofomia dos dispositivos móveis e a extrasomatização do cérebro e da memória humana por um lado e o avançar da inteligência artificial e a iminência de objetos sensientes por outro exigem a radicalidade de uma reflexão ecológica da comunicação. “Não há dúvidas de que estamos vivendo em um novo ecossistema comunicacional e cultural, certamente enraizado nas forças produtivas próprias do capitalismo global” (p. 64) e que exige novas figuras da razão para a compreensão de realidades onipresentes, coexistentes e não excludentes como o *boom* da memória e sua relação com a amnésia ou o estatuto do corpo carnal e dos corpos alternativos (digitais).

*Cíntia Dal Bello é doutoranda em Comunicação e Semiótica pelo PEPGCOS-PUC/SP (bolsista CAPES). Coordenadora, pesquisadora, docente do curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Nove de Julho e autora do *blog* Ciberultura, Consumo e Publicidade [www.cintiadalbello.blogspot.com].



Drogas, prevenção, escola



Falar sobre drogas com o adolescente sem esclarecer o porquê de se tratar de algo proibido é a mesma coisa que dizer: “Vai lá... experimental!”. Para os jovens de hoje, apenas realizar palestras de prevenção não ajuda, pois as informações que nelas são transmitidas podem ser conseguidas por meio de um simples clique na Internet.

Na verdade, eles têm de se apropriar da ideia da prevenção para entender que o ruim da droga não é percebido no paladar, como alguns remédios, mas que se trata de algo ruim, como uma infiltração que corrói por dentro. E quando se tenta consertar, já não há muito a se fazer.

Durante o ano letivo, trabalhamos a conscientização e tentamos mostrar-lhes que nada vai mudar na realidade deles no momento do uso. Não é naquela hora que ele sentirá o malefício da sua ação, e sim no futuro. E aí mora o grande desafio: sendo o jovem imediatista, ele não tem uma visão a longo prazo, tudo tem que ser agora. Atentos a esse problema, trabalhamos atualidades com eles. Noticiários, manchetes de jornais, mortes de pessoas famosas, tudo ali, na hora. É importante também apresentar as estatísticas para todos saberem qual é o tamanho do problema. Durante as aulas, os alunos trazem essas informações e posteriormente, em grupos, elas são compartilhadas. Desse modo, todos ficam sabendo de tudo. Nesse caso, o professor é apenas um orientador; são os próprios estudantes que dirigem os debates e respondem às próprias perguntas.

Realizamos o seguinte exercício em um caso específico sobre a dependência: os alunos do Ensino Médio fizeram uma votação e viram que a maioria adorava chocolate. Após essa conclusão, todos trouxeram uma barra de guloseima. O dever era, na primeira aula, comer apenas um quadradinho dela, deixar o restante em cima da mesa durante todo o período de aula e não comê-la mais, levando-a para casa e fazendo a mesma coisa no dia seguinte. Seguiram com esse experimento por mais quatro dias consecutivos, lembrando que não poderiam comer outro chocolate, somente aquele. Era preciso preencher um relatório sobre a convivência com a barra de chocolate. Ao final, depois de lerem um o relato do outro, notaram que a maioria apresentou grande dificuldade em



parar de pensar no chocolate e de resistir à tentação de comê-lo. Em uma das declarações, um aluno assumiu que quebrou a regra, comeu o doce em casa e comprou outro para fazer a substituição: “Achei que na hora eu fosse o mais esperto, mas eu me enganei. Ninguém estava preocupado se eu tinha ou não comido”. Com esse exercício, os jovens perceberam como é difícil recusar algo que já experimentam. Por isso, é importante enfatizar: não experimente! Depois poderá ser tarde.

Tendo como base o livro *Drogas, prevenção, escola*, trabalhamos os assuntos em forma de pequenos projetos. Esmiuçamos cada página, cada trecho. Os jovens elaboraram seminários, debates, cartazes, fizeram pesquisas em livros e na Internet, entrevistas com pais, familiares e amigos; buscaram informação, levantaram hipóteses, chegaram a conclusões e se tornaram multiplicadores da ideia correta. Depois, quando estavam prontos, eles mesmos passaram os dados colhidos para os alunos mais novos. Observamos um aluno do Ensino Médio conversando com outro do 8º ano e percebemos que a mensagem chega de forma mais rápida. Como os maiores são “adorados” pelos menores, a influência, neste caso, é bem-vinda.

O trabalho de conscientização tem de ser em doses homeopáticas, para que, aos poucos, seja possível convencer e conscientizar o jovem dos perigos e, é claro, das limitações enfrentadas por um usuário. Focamos as atenções na palavra-chave: “liberdade”. Ela tem um forte impacto para eles, pois quando entendem que um usuário não é livre como pensam, a ideia de “prisão, domínio” os amedronta muito. Temos de destrinchar o assunto, não ter medo de responder às perguntas e questioná-los.

As campanhas publicitárias contra o uso das drogas florescem muito e mostram que é rápida a destruição de quem as usa. Mas não é bem assim. Quem tem contato com a verdade descredita em tudo o que foi dito, perdendo totalmente a confiança nos pais, professores etc. Então, fazemos com que os alunos preencham as lacunas deixadas por essas campanhas e reinventem eles próprios novas publicidades.

Trabalhamos também com alguns ídolos comuns ao seu universo, mostrando como eles eram antes de se tornarem usuários: criativos, saudáveis, felizes e livres; depois, se degradaram ao longo da vida. E assim reforçamos como, às vezes, a destruição pode ser lenta, dolorida e solitária. Temos que chocar um pouco a juventude!



Divulgação

A informação científica também é necessária. Nas aulas de química e biologia, os professores trazem para a realidade toda a degradação causada pela droga. Como ela afeta a pele, o cabelo, a memória. Mexemos bastante com a vaidade das meninas, e para os meninos elucidamos as complicações que podem se refletir na virilidade, na massa muscular, no raciocínio. “É isso o que vocês querem?”, perguntamos.

O trabalho tem de ser extensivo aos pais. Muitos acham que a primeira vez que o filho usar drogas dará sinais. Ledo e comum engano! A droga age silenciosamente. Quando os pais perceberem, o uso já estará sendo contínuo. Por essa razão, indicamos-lhe a leitura do livro *Drogas, prevenção, escola*. O objetivo é fazer com que o filho acabe tendo um assunto em comum com os pais, abrindo, assim, uma janela para o diálogo familiar.

Usar drogas não confere *status* a grupos e tribos urbanas, muito menos ser conhecido por traficante ou usuário torna alguém mais importante na roda de amigos. Mostramos a falsa realidade vivida por essas pessoas, afinal, tudo na vida delas é extremamente passageiro.

Sabemos que não será suficiente só esse trabalho de prevenção para afastar nossos jovens das drogas. É preciso muito mais! É preciso engajamento nesta luta.

*Irite Elisa Ferrari Ferreira é pedagoga e atua no magistério há 23 anos. É diretora pedagógica do Colégio Decisão (SP) e professora de ética e cidadania.

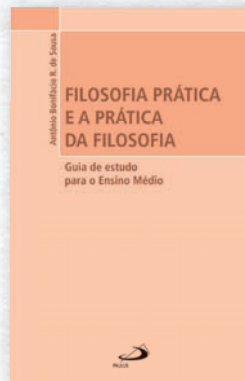


Antropologia filosófica contemporânea Subjetividade e inversão teórica

Manfredo Araújo de Oliveira

Formato: 16 cm x 23 cm
Páginas: 288

A obra estuda duas questões consideradas centrais no pensamento contemporâneo: a centralidade da subjetividade (intersubjetividade) e as novas concepções do ser humano. Muito bem elaborada, possui vastas notas de referência que auxiliam o leitor na compreensão dos conceitos apresentados. Fruto da tradicional coleção **Filosofia**, é resultado de pesquisa séria e consistente, tornando-se leitura obrigatória para estudantes, professores e profissionais da área dispostos a aprofundarem seus conhecimentos na temática.

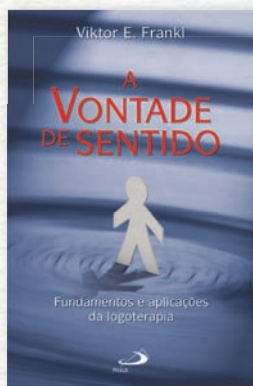


Filosofia prática e a prática da filosofia Guia de estudo para o Ensino Médio

Antônio Bonifácio Rodrigues de Sousa

Formato: 13,5 cm x 21 cm
Páginas: 152

Organizada em sete capítulos e anexos com modelos de provas objetivas de filosofia, a publicação pretende ser um plano de voo para conduzir o leitor às portas da filosofia sistemática, mostrando a importância dessa atividade para o campo prático da construção da cidadania, justiça, amor e paz. Resgata esses valores sociopolíticos essenciais não só para quem está em formação, mas também para quem já adquiriu certa maturidade. A partir da prática filosófica, instiga a curiosidade dos leitores.

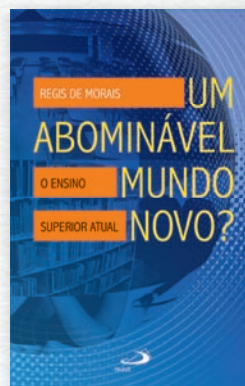


A vontade de sentido Fundamentos e aplicações da logoterapia

Viktor E. Frankl

Formato: 13,5 cm x 21 cm
Páginas: 240

O livro é a tradução do original *The Will to Meaning: Foundations and Applications of Logotherapy*, publicado em 1969. O conceito de logoterapia baseia-se na ideia de que o homem busca sentido, cuja descoberta constitui um processo de cura. O termo é fruto da herança vienesa da psicanálise de Freud e da psicologia individual de Adler. Nesta obra, o objetivo do autor é transmitir a sua convicção de que, apesar do desmoronamento das tradições, a vida abriga um sentido específico para cada indivíduo até o seu último suspiro. Inicialmente, o livro oferece os fundamentos da logoterapia e em seguida aborda as suas aplicações.

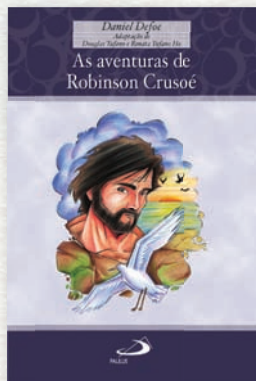


Um abominável mundo novo? O ensino superior atual

Regis de Moraes

Formato: 13,5 cm x 21 cm
Páginas: 160

O autor aborda os desequilíbrios socioculturais que têm desestabilizado a educação, principalmente o ensino superior. Dessa forma, ele caminha pela falsa eficiência do processo educacional de algumas instituições de ensino em inúmeras áreas do conhecimento. Questões do âmbito educacional também são merecedoras de atenção, entre elas as extensões universitárias, as pesquisas acadêmicas e as deficiências no sistema de ensino relacionadas tanto às instituições como aos próprios profissionais.



As aventuras de Robinson Crusó

Daniel Defoe
Adaptado por Douglas Tufano
e Renata Tufano Ho

Formato: 12 cm x 18 cm
Páginas: 136

Clássico da literatura mundial narrado em primeira pessoa, a obra recebe a adaptação cuidadosa de Douglas Tufano e Renata Tufano Ho, em linguagem leve e acessível. Traz a história de um jovem, Robinson Crusó, que contraria as vontades da família e torna-se um comerciante desbravador do mar europeu. Em uma de suas aventuras, uma grande tempestade destrói o barco onde estava e mata a tripulação, obrigando-o a se deslocar até uma ilha e por lá ficar, sozinho. A partir daí ele precisa lutar por sua sobrevivência à procura de um lugar seguro e alimentos.



No mundo da lua

Roseana Murray
Ilustrações de Mari Ines Piekas

Formato: 21,5 cm x 27,5 cm
Páginas: 40

Recheado de pequenos versos, o livro aborda algumas trivialidades cotidianas, como o cantar de um bem-te-vi, a brincadeira de um gatinho com seu novelo de lã e a garotinha que pula amarelinha. A autora convida a criança a trabalhar a criatividade, a ter um olhar mais sensível diante de tudo o que a cerca. Os poemas são simples, sonoros, belos e fáceis, ilustrados por traços leves que procuram trazer elementos da natureza às cenas. A proposta, certamente cumprida com êxito, é emocionar o leitor.



O que acontece quando alguém morre? Um guia para as crianças lidarem com a morte e os funerais

Michaelene Mundy
Ilustrações de R. W. Alley

Formato: 20,5 cm x 20,5 cm
Páginas: 32

Com o objetivo de ajudar as crianças durante o delicado momento do luto, a autora se propõe a explicar como lidar com as perdas, tema desafiador até para os adultos. Dessa forma, o livro funciona como um instrumento que explica as cerimônias de enterro, cremação e as celebrações na igreja. Também enfoca o otimismo, reforça os momentos felizes que foram vividos com a pessoa falecida e destaca a importância de sorrir e de ser amoroso com o próximo.



CD Cantando na escola (vol. 3)

Coral Pequenos Cantores de Apucarana - PR

Faixas: 14

O álbum é ótimo recurso para ser utilizado pelos educadores em novas técnicas de ensino. De acordo com os organizadores, as músicas dialogam com os pequenos, fazendo com que vibrem, participem e se alegrem por meio de ritmos diferentes e contagiantes. As canções mostram temas abordados na escola e no cotidiano, como as estações do ano, os meses e datas comemorativas, a típica festa de São João e a saudação ao professor por conta do seu dia, 15 de outubro.

Carta a um jovem aluno**



Divulgação

Meu caro, você quer ser artista e me pergunta se para isso basta ter inspiração. Muitas pessoas ainda acreditam que a arte é o triunfo da inspiração. Elas imaginam que basta ao artista esperar a chegada da inspiração para realizar sua obra. Pois a história nos conta uma outra versão: o artista — pintor, escritor, escultor, músico —, na verdade, deve ter talento e grande dose de perseverança. Sem perseverança, nenhum talento triunfa. Muito menos a inspiração. Para ilustrar o que estou dizendo, gostaria de contar-lhe a história da realização de uma obra-prima artística.

No dia 1º de novembro de 1512, abriram-se as portas da Capela Sistina, no Vaticano, para que todos pudessem admirar os afrescos que o artista florentino Michelangelo Buonarroti tinha pintado no teto. Uma maravilha! Eram cerca de 500 metros quadrados de área pintada, que se elevavam a uns 20 metros de altura. Lá em cima, em andaimes especialmente preparados por ele mesmo, Michelangelo tinha

passado quatro anos pintando e desenhando sozinho as cenas da história da criação do mundo!

Uma das cenas que pintou, a criação de Adão, tornou-se mundialmente famosa. Deus estende o braço direito e seu dedo está prestes a tocar o dedo de Adão para insuflar-lhe vida. Adão está encostado numa rocha e exhibe um corpo perfeito, imagem da perfeição da obra de Deus. É uma cena emocionante.

Mas, para realizar essa obra-prima, Michelangelo não contou apenas com o seu talento. A pintura era uma encomenda do homem mais poderoso de Roma e do chefe da Igreja católica, o papa Júlio II. E Michelangelo foi obrigado a suportar seus momentos de impaciência e sua falta de pontualidade nos pagamentos. Teve de suportar ainda as críticas e intrigas dos invejosos rivais. Teve de aguentar as dores no corpo e a solidão. Enfim, foram quatro anos de sacrifícios e dificuldades, mas Michelangelo conseguiu superar tudo isso porque, além de talento, tinha uma qualidade fundamental: a perseverança.

Para provar a si mesmo e aos outros que era capaz de superar aquele desafio, Michelangelo teve de buscar, dentro de si, forças que nem mesmo

ele pensava ter. É claro que, diante das pressões, várias vezes pensou em desistir do projeto. Mas cada dificuldade surgida parecia fazer renascer dentro dele mais uma reserva de forças. Imagine a concentração desse homem, empenhado, durante anos, a criar as cenas e a pintá-las, sozinho! Calcule as dúvidas e incertezas que o atormentaram. No entanto, continuou até o fim, confiante em sua capacidade de criação e de trabalho.

Com Michelangelo, aprendemos que só o talento não basta. Há muitas pessoas talentosas, mas as que conseguem realizar-se são aquelas que sabem unir o talento à perseverança, à vontade de vencer. São as que não veem as críticas como desestímulo, mas, ao contrário, como estímulo para prosseguir e superar as falhas.

Os grandes artistas, meu caro amigo, podem nos ensinar muitas coisas, além de arte.

*Douglas Tufano é professor de Português, Literatura e História da Arte, formado em Letras e Pedagogia pela Universidade de São Paulo e pós-graduado em História e Filosofia da Educação. É autor de livros didáticos e paradidáticos nas áreas de Língua Portuguesa e Literatura. E-mail: dgtufano@terra.com.br

**Em comemoração à edição nº 50 da revista *Páginas Abertas*, republicamos a crônica que inaugurou a colaboração do professor Douglas Tufano nesta seção. (*Páginas Abertas* nº 18 – 2003).

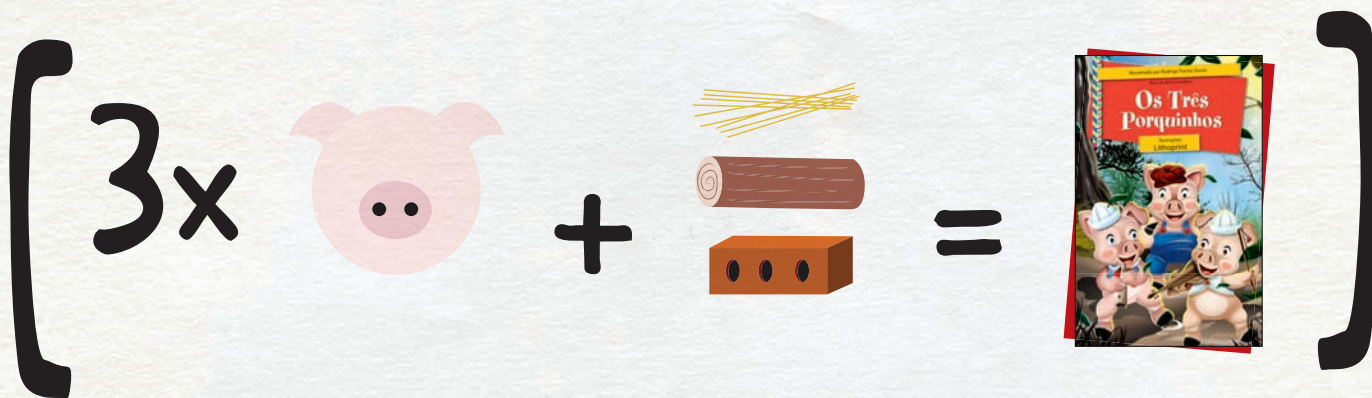
perseverança



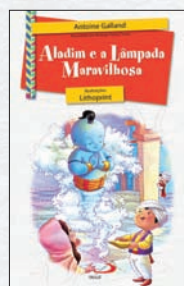
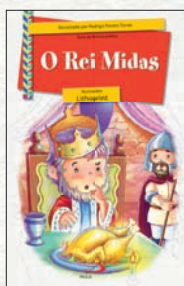
COLEÇÃO BIBLIOTECA INFANTIL:

você vai se apaixonar pelos resultados ao conhecê-la!

A matemática é bem simples: para multiplicar a criatividade, nada melhor do que somar à sua estante os livrinhos da coleção **Biblioteca Infantil**. Os Três Porquinhos, João e o Pé de Feijão e Cinderela são apenas algumas das historinhas que você vai poder encontrar, escritas em linguagem simples e acessível. Não espere para pedi-las ao Gênio da Lâmpada. Leve todos os 28 volumes para casa!



Conheça alguns títulos da série:



Criação PAULUS / A PAULUS se reserva o direito de alterar ou retirar o produto do catálogo sem prévio aviso. Imagens meramente ilustrativas.

PAULUS: 29 livrarias distribuídas por todo o Brasil.

VENDAS: Tel.: (11) 3789-4000 — 0800-164011 — vendas@paulus.com.br

SAC: Tel.: (11) 3789-4119 — sac@paulus.com.br

Visite nossa loja virtual

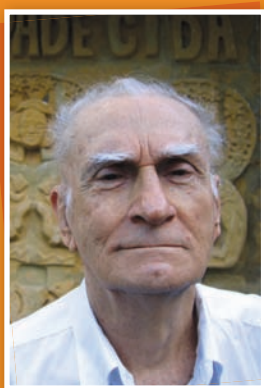
paulus.com.br





Simpósio de Educação **PAULUS** 31 de maio

COMUNICAÇÃO, EDUCAÇÃO E CULTURA



Ariano
Suassuna

*“Raízes populares
da cultura brasileira”*



Paulo
Markun

*“Educação para além da sala
de aula – As mídias”*

As inscrições devem ser feitas somente pelo site da PAULUS, de 27 de abril a 14 de maio.

Mais informações:

Tel.: (11) 5087-3716 | divulgacao@paulus.com.br

paulus.com.br

